

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE REALIZAÇÃO AUDIOVISUAL

LUCÉLIS DA ROCHA SCHMITZ

MULHER E TRABALHO NA ANIMAÇÃO ZOOTÓPIA:
A importância de Judy para as novas gerações

São Leopoldo

2019

LUCÉLIS DA ROCHA SCHMITZ

**MULHER E TRABALHO NA ANIMAÇÃO ZOOTÓPIA:
A importância de Judy para as novas gerações**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, pelo Curso de Realização Audiovisual da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof. Dra. Eliana Inge Pritsch

São Leopoldo

2019

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso introduz as diversas formas de repressão que as mulheres sofreram ao longo da história, analisando as marcas que ficaram até os dias de hoje, principalmente no ambiente de trabalho, motivo pelo qual muitas mulheres sentem insegurança no trabalho, não procuram promoções e até desistem de exercer profissões consideradas masculinas. Esta introdução histórica serve para entendermos como a história se relaciona com o cinema focando em narrativas animadas. Entendemos como se dá a construção das personagens femininas em animações desde as princesas da Disney de maneira que essas representam um modelo de comportamento opressor e retrógrado, até Judy, personagem analisada neste trabalho, que representa uma evolução destas personagens, sendo, assim, corajosa, destemida, que quebra os padrões de comportamento de gênero, confrontando as duas gerações. Conclui-se que, para que a sociedade continue evoluindo e as mulheres consigam, cada vez mais, ser o que elas quiserem em seus trabalhos, o cinema deve continuar persistindo na criação de personagens empoderadas a fim de criar representatividade para as meninas durante sua formação de caráter, mostrando-lhes que elas têm capacidade de exercer qualquer profissão.

Palavras-chave: Mulher. Trabalho. Animação. Princesas. Zootopia. Judy

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1– Brinquedos de menina	11
Figura 2 – Brinquedos de meninos	12
Figura 3 – Vestuário feminino no mundo empresarial	20
Figura 4 – Pica-Pau Super Vendedor Pré-histórico (2001)	22
Figura 5 – Plane Crazy (1928)	24
Figura 6 – Mickey e Donald vestidos de mulher	26
Figura 7 – Cena da Branca de Neve e a maçã	28
Figura 8 – Úrsula canta para Ariel	29
Figura 9 – Mérida em Valente(2012)	30
Figura 10 – Mulher Maravilha	31
Figura 11 – Judy conversa com os pais	33
Figura 12 – Gideon e Judy	35
Figura 13 – Judy atacada por Gideon	35
Figura 14 – Judy na academia de polícia	36
Figura 15 – Judy superando obstáculos	37
Figura 16 – Zootopia: Um lugar para todos	38
Figura 17 – Judy no banheiro	38
Figura 18 – Judy na sala de recrutamento	40
Figura 19 – Judy guarda de trânsito	41
Figura 20 – Judy sendo demitida	45
Figura 21 – Nick e trauma de infância	45
Figura 22 – Judy e Nick como um casal	50
Figura 23 – Judy e Nick como um casal 2	50
Figura 24 – Sexualização de Judy	51
Figura 25 – Judy masculina	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 MULHER E TRABALHO	9
2.1 Estereótipo de trabalho feminino	17
2.2 Estereótipo da competência no mundo do trabalho	19
3.1 Animação e o mundo animal	23
3.2 As mulheres das animações da Disney	27
3.3 A heroína nas animações: A Mulher Maravilha	31
4 ZOOTOPIA: UM FILME PARA UMA EDUCAÇÃO FEMINISTA	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que, ao longo dos séculos a luta pela igualdade entre homens e mulheres vem se tornando cada vez mais forte em todas as sociedades e, também, bem pontuada aqui no Brasil. A partir de 1923, em âmbito federal, direitos trabalhistas foram dados às mulheres e, diante disto, os maridos foram perdendo o poder de oprimir suas esposas. No entanto, ainda existe desigualdade neste tema. Mulheres deixam de ser contratadas, pois o empregador sempre considera a possibilidade do tempo de licença-maternidade e os períodos do direito à amamentação. Mulheres não recebem o mesmo salário que os homens para exercer a mesma função, e, ainda, determinadas profissões são consideradas inadequadas às mulheres, razão pelo qual perdem oportunidades de serem contratadas.

Esta desigualdade não é diferente da mostrada em filmes, principalmente nos dirigidos ao público infantil. A Disney é uma produtora que tem uma movimentação muito grande em temáticas femininas, criando uma sequência de filmes de princesas. Este fato fez com que a produtora formasse uma grande rede de comercialização de produtos das “Princesas Disney”. A grande comercialização de produtos nos leva a uma forte admiração por estas personagens e a crer que a figura feminina criada por estas são exemplos de comportamentos ideais para uma mulher. No entanto, a imagem das mulheres retratadas pelas princesas dos filmes da Disney tem sido de passividade, tornando-as indefesas, passivas à espera de um príncipe para serem salvas. Isto faz questionar como estes filmes influenciam na formação das meninas que estão em idade de consumir este tipo de conteúdo. Recentemente a Disney vem quebrando seus próprios padrões e fez releituras de vários de seus antigos filmes, tornando as mulheres mais ativas e empoderadas, criando um cenário para se aproximar das lutas atuais feministas.

Este estudo tem como intenção analisar justamente uma dessas personagens renovadas. Trata-se da personagem Judy, do filme **Zootopia** (2016) da Disney, que retrata uma cidade de animais, notoriamente mamíferos, herbívoros e carnívoros que convivem em um mesmo grupo. No meio desse cenário, conhecemos Judy, que nos é apresentada quando criança em um diálogo com seus pais falando de sua fascinação e desejo de querer ser a primeira coelha policial de **Zootopia**. Porém, eles tentam desmotivá-la, com o argumento de ela

não ser um animal grande, incapaz, portanto, de combater outros animais. Nenhum desses comentários fez com que Judy desistisse da ideia de se tornar uma coelha policial. Quando adulta, acompanhamos sua jornada para conseguir seu diploma na academia de polícia, tentando encontrar maneiras e qualidades em si mesma que a fizessem superar os obstáculos criados em atividades somente para animais grandes. Judy, então, forma-se a primeira policial coelha feminina da academia. Quando chega a seu primeiro emprego, é designada para ser guarda de trânsito, enquanto os demais colegas são recrutados para tarefas de investigação. Inconformada, Judy decide ser a melhor guarda de trânsito e, posteriormente, busca conquistar seu lugar dentro da academia, desvendando um caso em que ninguém encontrava o culpado. Judy é uma personagem que, desde o início, precisa provar sua força e determinar qual o seu lugar mesmo que os outros lhe digam onde ela de fato deveria estar. **Zootopia** nos faz questionar por que Judy tem desejo em ser policial, uma profissão predominantemente masculina, e não seguir o ramo da família como plantadores de cenouras.

Assim, o desafio é responder como se dá a construção da personagem Judy no que se refere tanto ao âmbito do trabalho quanto às relações de gênero. No que diz respeito à atividade profissional, além de questões vinculadas com o trabalho feminino, também é importante discutir os estereótipos de determinadas profissões, marcadas por “proibições” em relação às competências necessárias, como força física, porte, etc.

Nesse sentido, a ligação mais direta de Judy à profissionalização determina uma ruptura na própria tradição de filmes infantis, que marcavam o desejo de uma vida amorosa – as velhas e novas histórias de princesas e príncipes –, para questionar outras possibilidades de realização para a mulher. Isto é, permite que se pense em uma educação para o trabalho como forma de realização plena e individual.

Para analisar **essas** questões, o estudo está dividido em três capítulos. No Capítulo 2, “Mulher e Trabalho”, discutimos as questões do trabalho feminino, sua história, seus preconceitos. No Capítulo 3, “**Animação do Feminino**”, procuramos examinar a trajetória das animações no audiovisual, para dimensionar **Zootopia** no contexto até de outros filmes da Disney, pontuando aspectos dos avanços referentes aos padrões sociais contemporâneos no que diz respeito ao universo feminino. Finalmente, no Capítulo 4, intitulado “**Zootopia**: um filme para uma

Educação Feminista”, numa alusão à obra **Para Educar Crianças Feministas** de Chimamanda Adichie (2017), analisamos a construção fílmica como possibilidade de formação em questão de gênero.

Além disso, cabe destacar que optamos, via de regra, pela primeira pessoa do plural na enunciação, um “nós” coletivo e, geralmente, feminino, em que me incluo, porque, não desmerecendo a seriedade da pesquisa, essa voz insere a pesquisadora nesse conjunto como sujeito. Também inserimos relatos pessoais, aí marcados na primeira pessoa do singular, que vêm ao encontro da discussão.

2 MULHER E TRABALHO

Recusei um monte de oportunidades quando estava começando, porque pensei: “Não é isso que sou formada” ou “Não conheço essa área” [...]. (WARRIOR apud FERREIRA, 2019, p.51).

Certamente você conhece muitas mulheres que já se perguntaram e duvidaram de sua capacidade de exercer tal cargo ou tarefa por não se sentirem preparadas ou competentes para a mesma. Isso é bem comum entre as mulheres e não é à toa. De acordo com uma pesquisa cujos dados foram encontrados no livro **Mulheres na Liderança** de Lucelena Ferreira (2019), os homens tendem a se candidatar para uma vaga de trabalho quando acreditam que possuem 60% dos requisitos necessários para obter um bom desempenho; no entanto, as mulheres só tomam essa iniciativa quando acreditam possuir 100% das competências necessárias para o cargo. Esses dados nos mostram como a insegurança atrapalha o avanço das mulheres para alcançarem cargos de liderança ou, até mesmo, melhores oportunidades de emprego. Esse sentimento faz também com que as mulheres assumam uma postura mais passiva, pois sempre esperam que um dia seu trabalho e competência sejam reconhecidos e “premiados” com promoções e aumentos, enquanto homens se oferecem, vendem suas competências, defendem seu valor, pedem aumento e candidatam-se a cargos e posições de liderança. Eles, por terem mais segurança, assumirem essa postura mais “ativa”, passam a ter muito mais chances de alcançarem esses cargos.

O papel da mulher era sobretudo, de esposa e mãe. O desejo das mulheres era de construir uma família. De acordo com o livro **As mulheres ou os Silêncios da História** de Michele Perrot (2005), as mulheres sempre trabalharam, mas nem sempre tiveram uma profissão, isso porque sempre seus trabalhos estavam relacionados às suas “qualidades naturais”, as quais eram ensinadas desde a infância, conhecimentos relacionados a casa. Trabalho era circunscrito às classes inferiores, lavadeiras, costureiras, serviçais. Depois, ainda no século XIX, a profissão de professora primária (pois se entende que as mulheres têm jeito com

as crianças, já que seu grande papel era ser mãe), enfermeira (pois se entende que as mulheres são delicadas e cuidadosas) e assistente social. No século XIX, as mulheres passaram a realizar trabalhos informais nas fábricas sem remuneração. Elas aprendiam a realizar as atividades no próprio ambiente de trabalho e seguiam sem ter uma identidade profissional. No século XIX ainda, as mulheres começaram a trabalhar na indústria têxtil, na fabricação de chita (tecido), recebendo salários que não valorizavam suas reais competências por três anos, para enfim igualar ao salário dos homens sem nenhuma qualificação.

Somente depois das duas grandes guerras – 1ª (1914- 1918) e 2ª (1939-1945) – quando a mulher foi para as grandes fábricas, é que a profissionalização se tornou mais efetiva. As mulheres substituíram os homens. No entanto, essas tarefas as monopolizavam e as dificultavam de construir uma carreira. Lembrando, por exemplo, que, na Arábia Saudita, a mulher estuda e trabalha até casar, não mais.

A extensão das atividades femininas fora do lar foi acompanhada de um florescimento de discursos que denunciavam seus malefícios. Conhecem-se as fórmulas célebres de Michelet “‘Operária’, palavra ímpia”, e de Jules Simon: “A mulher que se torna operária não é mais uma mulher”. O trabalho das mulheres nas fábricas é associado à licença sexual e a degenerescência da família. É considerado degradante, contrário a vocação natural da mulher. (LIPOVETSKY, 2000, p. 205).

Por isso, as mulheres de hoje ainda são assombradas pela insegurança que, na verdade, é uma questão social que vem de muitos anos e é reforçada desde a infância de cada menina. Durante muito tempo, as mulheres foram proibidas de aprender a ler, escrever, estudar e trabalhar fora de casa. Somente no século XIX elas foram autorizadas a frequentar a escola básica e as instituições de ensino superior. No entanto, muitas sofriam proibição dos pais ou maridos, pois, por muito tempo, o **Código Civil Brasileiro** garantia, no âmbito legal, a submissão da esposa ao marido.

ART 242- A MULHER NÃO PODE, SEM O CONSENTIMENTO DO MARIDO:

- I. Praticar atos que este não poderia sem o consentimento da mulher
- II. Alienar ou gravar de ônus real, os imóveis do seu domínio particular, qualquer que seja o regime de bens.
- III. Alienar os seus direitos reais sobre imóveis de outrem.

- IV. Aceitar ou repudiar herança ou legado.
- V. Aceitar tutela, curatela ou outros múnus públicos.
- VI. Litigar em juízo civil ou comercial, a não ser nos casos indicados nos arts. 248 e 251.
- VII. Exercer profissão.
- VIII. Contrair obrigações, que possam importar em alienação de bens ao casal.
- IX. Aceitar mandato
(BRASIL, Código Civil de 1916).

Este artigo é do **Código Civil** de 1916 e teve vigência até 2002. No que diz respeito ao artigo 242, ele teve alguns de seus parágrafos/alíneas revogados em 1962, ou seja, até mais de 55 anos atrás, as mulheres não tinham autonomia nem para estudar ou trabalhar sem a permissão dos maridos. Assim eram tidas como pertencentes aos seus maridos. Segundo Lucelena Ferreira (2019), também no âmbito eleitoral as conquistas são recentes. Somente em 1946, o voto feminino se tornou obrigatório como o dos homens. No **Código Eleitoral** de 1932, primeira possibilidade de voto para mulheres brasileiras, o voto feminino era facultativo. E antes disso, não podiam votar.

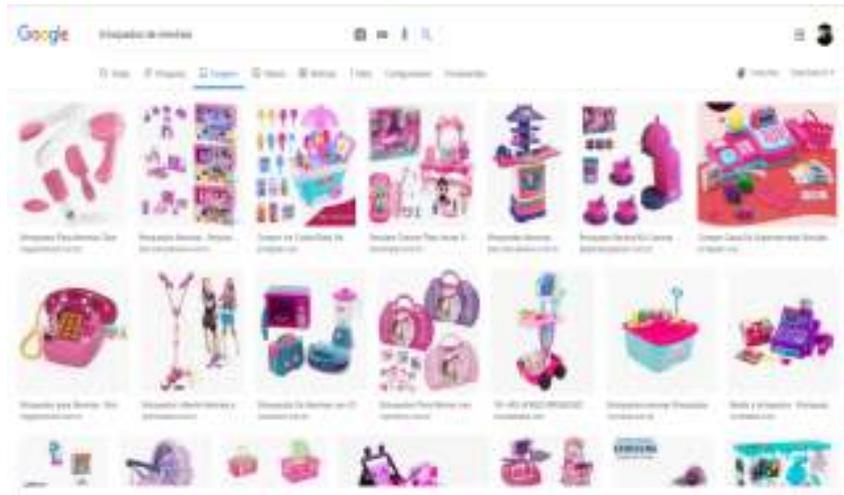
Essa opressão legal sobre as mulheres vem de uma construção social sobre gênero. O que são coisas de mulheres e o que são coisas de homens, que nos são impostas desde a infância e seguem para a vida. Por esse motivo, até as leis reforçam este estereótipo de que o trabalho da mulher é cuidar da casa e dos filhos e não ter um emprego fora de casa e estudar.

Tal divisão, reforçada pelo senso comum, já vem determinada desde a infância, com os rótulos de que é cor de menina, cor de menino, o que é brinquedo de um gênero e outro. Sem dúvida, são essas construções “educativas” que reforçam os estereótipos, como é percebido e relatado por Adichie:

Olhei para a seção de brinquedos, também organizada por gênero. Os brinquedos para meninos geralmente são “ativos”, pedindo algum tipo de “ação”- trens, carrinhos - e os brinquedos de meninas geralmente são “passivos”, sendo a imensa maioria bonecas. Fiquei impressionada com isso. Eu não tinha percebido como a sociedade começa tão cedo a inventar a ideia do que deve ser um menino e o que deve ser uma menina. Eu gostaria que os brinquedos fossem divididos por tipo, não por gênero. (ADICHIE, 2017, p. 24).

Curiosamente, em uma rápida pesquisa no Google Imagens: “brinquedos de meninas”. Encontramos a confirmação disso.

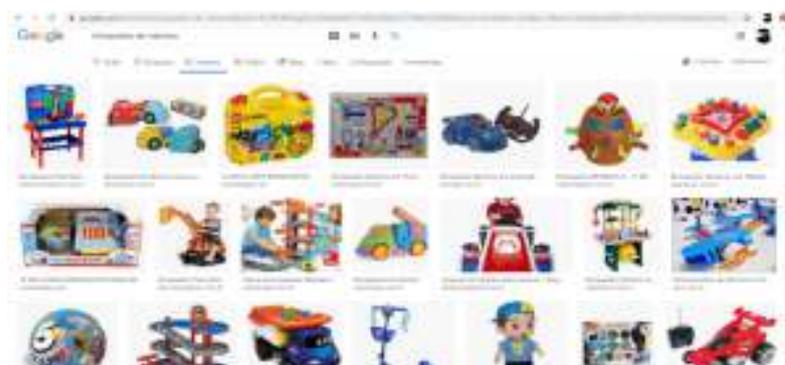
Figura 1 – Brinquedos de meninas



Fonte: Google imagens

Nas imagens aparecem “secadores de cabelos de plástico”, “cozinhas”, “panelinhas”, “carrinhos de bebês”, entre outros objetos que reforçam a ideia de que a principal função/profissão das mulheres é cuidar da casa e dos filhos. Além de supervalorizarem sua aparência física, pois, como vimos acima, também encontramos objetos de cuidados com a beleza. Logo depois, pesquisamos “brinquedos de meninos”. Nas imagens aparecem “tratores”, “ferramentas”, “transformers”, “objetos de médico” e outros objetos que corroboram com a ideia de que homens são mais competentes para o trabalho fora de casa, inclusive estes tipos de brincadeiras descritas acima desenvolvem nos meninos, desde a infância, segurança para exercer a profissão que almejam, além de incentivá-los a serem fortes, poderosos, criativos.

Figura 2 – Brinquedos de meninos



Fonte: Google Imagens

Lembro-me de, quando era criança, um dos meus primos da minha idade morou na casa dos meus pais por um tempo, e brincávamos muito juntos. Algumas reproduções desses comportamentos machistas sobre o que é brincadeira de menina e o que é brincadeira de menino já eram retratadas pelo meu primo desde a infância. Eu tinha uma fascinação pelo videogame dele, sempre quis aprender a jogar com ele aqueles jogos que ele ficava vidrado durante horas em frente à televisão. Eu me lembro de implorar para que ele me deixasse jogar, mas ele sempre me respondia que aquilo não era brincadeira de menina, principalmente porque o seu jogo preferido era o de futebol. Reclamava para meus pais e tios que, cansados, ordenavam-lhe que permitisse que eu jogasse junto. Como eu não entendia nada de videogame, não percebia a maldade do meu primo. Mas quando começávamos a jogar, percebia que nenhum dos comandos que fazia no controle remoto repercutia no jogo, e não entendia o porquê. Até que um dia, desconfiada, segui o cabo de força que conecta o aparelho de videogame ao comando do controle e percebi que não estavam conectados e, por certo, nunca estiveram. Quando percebi que, mesmo com as ordens dos adultos, eu nunca conseguiria jogar de verdade, desisti.

Chimamanda Adichie (2015) conta em seu livro **Sejam os Todos Feministas** um fato que ocorreu em sua infância que chama bastante atenção. Lembrando que Chimamanda nasceu na Nigéria, então esse acontecimento representa a cultura machista do país dela, mas que nos ajuda a pensar sobre o machismo desde a infância. A autora conta que, quando tinha aproximadamente nove anos, no primário, a professora anunciou que o aluno que tirasse a melhor nota em uma prova que ela iria aplicar seria o monitor da turma. O monitor tinha o poder de anotar o nome dos colegas baderneiros e, além disso, poderia circular com uma vara, patrulhando a turminha do fundão. Não que pudesse usar a vara de verdade, mas ter esse poder já era algo fascinante. Chimamanda queria muito ser a monitora de sua classe e motivou-se para conquistar este cargo. Ela tirou a melhor nota da turma, contudo, ficou surpresa quando percebeu que a professora anuncia um menino para ser o monitor. O menino havia tirado a segunda melhor nota da turma. A professora tinha se esquecido de esclarecer este ponto, pois parecia óbvio: uma menina nunca poderia ser a monitora da turma. *Ele* seria. No fim de sua história a autora ressalta:

Se repetimos uma coisa várias vezes ela se torna normal, se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores de classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser monitor de classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia em empresas, começamos a achar “normal”, que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. (ADICHIE, 2015, p. 16).

É importante ressaltar, no entanto, que o machismo também condena e julga os homens quando estes não seguem os padrões impostos pela sociedade. Pois, com toda essa pressão em serem fortes, criou-se a imagem de que homens não choram, não demonstram emoções, medos ou suas fragilidades. E já que as tarefas domésticas são de total dedicação das mulheres, esses não podem se envolver em tais atividades ou dedicar-se a uma paternidade mais ativa e presente. Serão julgados caso escolham determinadas profissões consideradas “femininas”, sentem-se na obrigação de ser o indivíduo que sustenta a casa, entre muitos outros aspectos que não abordaremos profundamente neste trabalho.

Estes estereótipos de gênero em conjunto com toda a opressão que a sociedade exerceu em relação a mulheres fizeram com que essas não acreditassem em seu verdadeiro potencial para exercer certos cargos e profissões. Além da insegurança, a própria ambição das mulheres em exercer certos cargos de liderança é desmotivada. Em uma pesquisa sobre o tema, McKinsy (apud FERREIRA, 2019) relata que entrevistou quatro mil funcionários de quatorze grandes empresas para avaliar o grau de ambição de homens e mulheres para ocuparem cargos de liderança na carreira que exercem. O resultado nos mostra que 36% dos homens desejam se tornar diretores executivos, já entre as mulheres, apenas 18% têm o mesmo interesse.

Vale ressaltar que além da insegurança e falta de ambição, por causa dos estereótipos de gênero, muitas mulheres acabam desistindo do mercado de trabalho para cuidar da casa e, por conta da dupla jornada, têm uma carga horária quase que o dobro dos homens. É a dupla jornada ou a trilha, quando se tem filhos. Esse é outro ponto importante para apontarmos neste trabalho, pois o casamento e os filhos, além de ser um dos motivos de desistência das mulheres no mercado de trabalho, são também a razão pela qual existem tantas desigualdades salariais entre os gêneros e o não desenvolvimento de uma carreira profissional de sucesso para as mulheres.

O momento de nascimento dos filhos representa um ponto crucial na carreira das mulheres. Muitas abandonam a carreira ou diminuem a carga horária neste período por não conseguirem dar conta da tripla jornada (empresa/casa/filhos), portanto muitas mulheres que “escolheram” abandonar o trabalho remunerado após o nascimento dos filhos, na realidade, foram “empurradas porta a fora por empresas que não ofereciam flexibilidade e bem vindas em casa por companheiros que não colaboram nas tarefas domésticas e na criação dos filhos. Outras continuaram, mas reduziram suas ambições para atender as demandas exageradas (SANDBERG, 2013, apud FERREIRA, 2019, p. 92).

Lucelena Ferreira menciona outro estudo realizado por pesquisadores das Universidades de Harvard, Boston e Wellesley, com o qual esses tentam descobrir o principal motivo para a desigualdade salarial entre homens e mulheres. Eles concluem que o casamento e os filhos são o principal motivo dessa desigualdade por conta da divisão desigual do trabalho doméstico entre o casal. Isto mesmo quando a esposa trabalha igualmente em um trabalho integral fora de casa. As pesquisas nos mostram que as mulheres solteiras e sem filhos têm tendência de manter-se recebendo um salário similar a dos homens na mesma função. As mulheres que se casam e têm filhos enfrentam uma queda no salário, o qual é maior para aquelas com o ensino superior e cargos mais elevados. As mulheres que somente são casadas também ganham menos por diversas razões e uma delas é que os empregadores lhes dão menos responsabilidades, porque consideram que, em algum momento de seus relacionamentos, terão a necessidade de cuidar de filhos e não terão tempo suficiente para dedicar-se preferencialmente para a empresa. Fora que muitas empresas ainda consideram o tempo de licença-maternidade na hora de contratar uma mulher.

Ainda em relação ao livro de Lucelena Ferreira, a autora também apresenta um dado muito importante para ajudar-nos a pensar sobre a dimensão dessa desigualdade no Brasil. No relatório de Desigualdade Global de Gênero, divulgado no Fórum Econômico Mundial em 2016, nosso país ocupa a 129ª posição no quesito igualdade de salários entre gêneros, em um *ranking* de 144 países. Segundo o Relatório, o *gap* salarial entre os gêneros no Brasil é um dos mais desiguais do mundo, e, de acordo com eles, se mantivermos o ritmo de evolução atual, levaremos quase cem anos para acabar com a desigualdade econômica entre homens e mulheres.

Não podemos esperar cem anos para atingirmos a igualdade entre os gêneros, precisamos urgentemente acabar com o machismo que também afeta

aos homens. Precisamos de fomentos, leis que incentivem maior tempo de licença à paternidade para os homens poderem se dedicar mais a casa e aos seus filhos juntamente com sua esposa e, o mais importante, não serem julgados por isto. Precisamos de empresas que pensem nas mulheres quando elas ganham seus filhos e que deem suporte para que, mesmo afastadas, elas possam se dedicar ao trabalho e manterem-se evoluindo e crescendo no ambiente de trabalho. Talvez até mesmo sugerindo um *home-office*. Ter filhos não deve ser um empecilho para as mulheres.

Muitas mulheres, quando querem dedicar-se mais ativamente ao trabalho do que ao lar e aos filhos, são criticadas por fazerem tal decisão. Muitas vezes lidam com a situação de seus filhos lhes cobrando atenção e as questionando por que elas nunca têm tempo para eles. Essas cobranças podem ser destruidoras para uma mãe, mas é sempre muito importante ressaltar a importância do trabalho e, mesmo que eles não tenham idade suficiente para entender isto, em algum momento, quando atingirem certa maturidade, entenderão não só a importância do trabalho, mas a importância de ter uma *representatividade feminina*. Uma das melhores educações que as mães podem dar aos seus filhos nos dias de hoje é mostrar como as mulheres também podem chegar a grandes cargos e os fazerem terem orgulho da mulher que têm como mãe. Ensinar às novas gerações de homens que mulheres não são as únicas responsáveis pelas atividades domésticas e com o cuidado dos filhos. Ensinar às novas gerações de mulheres que elas podem ser quem elas quiserem, pois elas têm um exemplo próximo de alguém que conquistou isso.

A representatividade é um dos fatores mais importante para os dias atuais. Lucelena Ferreira (2019) informa que a sociologia explica que existe uma grande correlação entre o que desejamos para a nossa vida – neste caso estamos considerando somente o âmbito profissional – e o que se considera *possível* de atingir. A autora usa o exemplo hipotético de que se ela for uma mulher, de menos de quarenta anos, que se formou em uma universidade no Brasil, e passar a ocupar a presidência de uma empresa de aviação, isso fortalece, para outras mulheres, a possibilidade de considerar mais viável perseguir esse tipo de carreira. “Como ensina o sociólogo Pierre Bourdieu, realizamos uma espécie de ‘estatística intuitiva’, analisando por meio dos exemplos próximos, as possibilidades de obter êxito em nossas metas.” (FERREIRA, 2019, p. 28).

Precisamos inspirar as mulheres com exemplos de outras mulheres que conseguiram e, principalmente, inspirar as crianças a uma nova perspectiva, mostrar-lhes que elas podem ser tão poderosas quanto os homens e que podem escolher ser o que elas quiserem na vida.

2.1 Estereótipo de trabalho feminino

No livro **A Terceira Mulher**, Gilles Lipovetsky (2000) conta que nas sociedades pré-industriais tanto na cidade como no campo, as moças solteiras trabalham seja no lar paterno, seja em outras famílias, como domésticas, criadas de exploração agrícola ou aprendizes. Nas explorações agrícolas, as mulheres casadas cuidam dos animais e da horta, vendem os produtos, por vezes semeiam, colhem, conduzem a parelha. Na cidade, as esposas dos artesãos ajudam o marido na preparação e no acabamento dos produtos, fazem as transações, cuidam das contas. As camponesas passam longas horas afastadas de casa, trocam os bebês com pouca frequência, deixam-nos chorar. Logo as mulheres dos artesãos e dos pequenos comerciantes entregam muitos de seus filhos a amas-de-leite para poder ajudar o marido na loja ou oficina. De acordo com a autora, na metade do século XIX, as burguesas do Norte da França cuidam do estabelecimento comercial, da contabilidade e da organização da empresa. Mesmo que consagradas às atividades domésticas e aos cuidados dos filhos, a mulher não é “mulher do lar”. Esse modelo normativo de mulher de interior foi criado no século XIX. Em 1851, esse ideal já está bastante difundido na Inglaterra que o levantamento geral menciona a nova categoria de “mulher do lar”. Logo, na França, esses estereótipos nascem na segunda metade do século XIX através dos romances, das obras pictóricas, dos livros de conselhos e outras publicações sobre família e mulher. A partir desse momento da história, cria-se o ideal de que a mulher nasceu para ser dona de casa e cuidar da felicidade e bem-estar da família.

Michelle Perrot (2005) aponta que metade das mulheres ativas se concentra em 20% das ocupações. Ou seja, 20% das mulheres exerciam a mesma profissão. Confirma-se nesses dados que, sim, existe um estereótipo de trabalho feminino. Como já dito antes, as mulheres desde a infância são ensinadas a ter dotes relacionados às atividades domésticas. Quando as mulheres

começaram a trabalhar nas fábricas, iniciaram com montagens eletrônicas de precisão, pois considerava-se que as mulheres tinham “mãos de fadas” ou “mãos hábeis” e acabavam fazendo com que suas qualidades reais fossem disfarçadas por esses estereótipos. Além disto, as outras profissões exercidas pelas mulheres eram todas relacionadas às suas “qualidades naturais”, tarefas que lhes foram ensinadas desde a infância. Trabalhavam então como professoras primárias, enfermeiras e assistente social. Esses estereótipos se mantiveram vivos até os dias de hoje. Quando percebemos que desde a infância motivamos as meninas a brincarem com panelinhas, secadores de cabelos, bonecas bebês entre outras brincadeiras, ajudamos a manter vivos esses estereótipos de que as mulheres são as grandes responsáveis pelos cuidados com a casa, crianças e beleza. Manter-se fora desses estereótipos cria certo estranhamento na sociedade e cada vez mais fica difícil quebrar os padrões.

“Por que você não monta um salão, não vai mexer com unha, que é o que toda mulher faz?”. Estas são palavras do marido de Daniella Lima, entrevistada por Bastos (2017), e que largou seu emprego para ser mecânica. Profissão da qual possuem majoritariamente dos trabalhadores do sexo masculino. No entanto, a procura das mulheres pela profissão de mecânica automotiva vem crescendo nos últimos anos. De acordo com os dados do Censo da Educação Superior do INEP, em 2015 (apud BASTOS, 2017), chegaram a ter 7,5% de mulheres do total de alunos. Daniella Lima conta, nessa entrevista a Mariana Bastos (2017), jornalista e colaboradora do *site* Gênero e Número, que, quando entrou em sala de aula, o professor comentou: ‘É difícil uma mulher começar e terminar um curso aqui’. Ela relata que é complicado se manter firme em um ambiente hostil, rodeado por homens que riem de suas perguntas e, nos intervalos, excluem as mulheres de seus assuntos. Com certa razão, as mulheres tendem a não terminar o curso por sentirem-se intimidadas.

Para uma mulher exercer uma profissão considerada masculina é difícil, por existir uma história que manteve as mulheres sempre em uma posição mais passiva em suas escolhas e sempre lhes determinou onde elas deveriam estar, quais eram as suas qualidades. Realmente essa decisão faz com a sociedade em geral enxergue com maus olhos determinadas atitudes. Sabendo disto, quebrar esses estereótipos nos dias de hoje se torna complicado, porque muitas mulheres acabam nem considerando exercer essas profissões ditas masculinas, ou ocorrem

situações parecidas com as alunas do curso de mecânica que desistem. A grande preocupação é que não estamos mais nos séculos XVI, XIX, estamos no século XXI. Podemos nos questionar quantos séculos mais vamos precisar para que finalmente a exclusão acabe e elas sejam o que quiserem ser.

2.2 Estereótipo da competência no mundo do trabalho

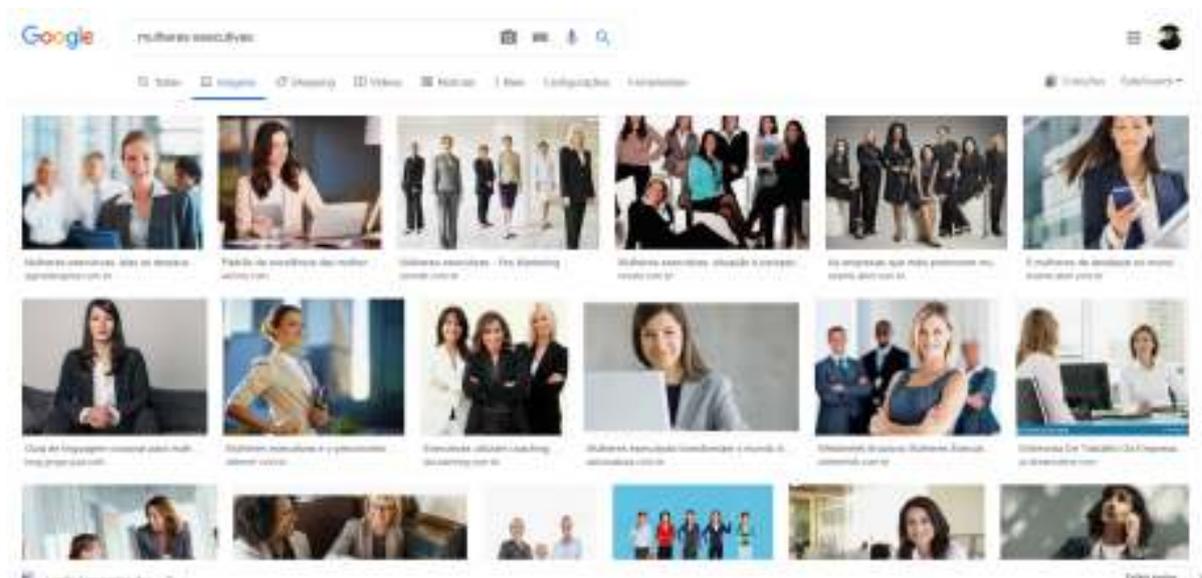
Finalmente as mulheres, parecem conseguir seu espaço no mercado de trabalho, mas mal sabem elas que o pesadelo do estereótipo de “mulher do lar” se perpetua. Fazer com que seu trabalho seja levado a sério é extremamente difícil, principalmente quando trabalham em profissões consideradas masculinas. Isto causou diversos mecanismos de defesas para sentirem-se aceitas dentro do mercado de trabalho.

É muito comum entre as mulheres que querem chegar a cargos de liderança nas empresas, assumir uma personalidade mais masculina para “aparentar” serem mais competentes e obterem mais respeito dos funcionários do sexo masculino. Não só o comportamento, mas muitas vezes suas vestimentas também acabam por ser um pré-requisito para chegarem a esse patamar. Silvana Andrada realizou uma análise de representações e mulheres executivas no Brasil em cinquenta e duas edições da revista **Vida/Mulher Executiva**, publicadas entre 2004 e 2010, quando finalmente a magazine saiu de circulação (apud FERREIRA, 2019). Na análise da pesquisadora, a finalidade da revista era introduzir um padrão de comportamento a ser seguido para alcançar as tão desejadas “posições executivas”. Na tentativa de incorporar esse padrão de comportamento, a revista reiterou matérias com temáticas relacionadas ao vestuário, corte de cabelo, penteados adequados e vocabulário apropriado. Novamente encontramos aqui, já na vida adulta, a sociedade colocando uma enorme importância na maneira como a mulher se comporta e se preocupa com sua aparência quando o que, de verdade, deveria importar mais seria a sua competência profissional¹. A pesquisadora não fala como são as vestimentas femininas que as revistas impõem como “adequadas”, mas é possível imaginar como seria. Para tal comprovação,

¹ Ainda que haja determinadas exigências para os homens no mundo das corporações, essas parecem bem menores se comparadas as das mulheres.

novamente fizemos uma rápida pesquisa no Google imagens, procurando por “mulheres executivas”.

Figura 3 – Vestuário feminino no mundo empresarial



Fonte: Google imagens

As imagens são todas de mulheres com camisetas sociais, terninhos e calças sociais. Isso nos prova mais uma vez que as mulheres, para serem levadas a sério, precisam adotar um vestuário mais masculino. Esses estereótipos deveriam ser quebrados, pois podemos assumir nossa feminilidade e ainda assim sermos competentes. A pesquisadora Andrade (2012) com estudo semelhante na revista **Veja** e **Exame**, concluiu que as publicações reforçam, na contrapartida, a ideia de que a responsabilidade da mulher era cuidar da casa e da família.

Em Ferreira (2019), todas as entrevistadas falam sobre seu perfil como líderes e como foi difícil adquirir respeito de seus funcionários masculinos, pois muitos se sentem intimidados por estarem sendo liderados por uma mulher. Parece que sempre haverá um motivo para julgarem que uma mulher não pode estar à frente de uma equipe. Se ela for firme em suas decisões, é autoritária e agressiva demais; se ela pede opinião e se preocupa com o bem-estar da equipe, é mansa demais. Coisas que não se questionam quando um homem está na liderança, o que é típico de machismo em empresas. Ao mesmo tempo, precisamos aprender a lidar com essas primeiras impressões de desaprovações e procurar conseguir o máximo de apoio da equipe para se construir um ambiente

de trabalho agradável e que motive a todos a realizarem seu trabalho e bater as metas. Conseguir isto sendo uma mulher é extremamente difícil. É preciso admirar todas as mulheres que passaram por isto e chegaram aonde chegaram, pois a desaprovação muitas vezes nos faz pensar em desistir, e elas venceram esse pensamento negativo e viraram o jogo a seu favor.

3 ANIMAÇÃO DO FEMININO

Dentro do universo da animação², bastante específico e que renderia outro TCC, o que se pretende é analisar como o feminino foi representado e sua evolução na articulação com o mundo do trabalho. Também na animação, o percurso é semelhante: a mulher – dona de casa –, a mãe, a namorada para, finalmente, chegarmos à mulher que trabalha.

Pode-se dizer que a animação existe desde a pré-história. As imagens eram registradas nas paredes das cavernas e animais, nesta época, eram desenhados com diversas pernas, dando a impressão de movimento. Exemplo disso são as caçadas, que representam o universo masculino (animação do trabalho e dos costumes). A animação, tratando-se de cinema, representa fortemente a realidade do ser humano, nosso convívio em sociedade e nossos descobrimentos no mundo. Sendo assim, as primeiras animações vistas nas cavernas são, por assim dizer, as descobertas de cada dia de homens que desvendaram o mundo e seus demais costumes. Costumes esses que, vistos hoje, seriam completamente estranhos. Muitos desenhos animados evidenciam isto como instrumento para o humor. Podemos usar como exemplo um episódio do desenho do Pica-pau, **“Pica-Pau Super Vendedor Pré-Histórico”**, de 1969. O personagem é um vendedor ambulante que cai na armadilha de um inventor do túnel do tempo. Pica-Pau acaba conhecendo o período pré-histórico e em sua jornada tenta apresentar objetos de sua época para dinossauros e homens das cavernas, mostrando aos habitantes do passado a evolução do tempo e gerações. Ao voltar da viagem, Pica-Pau prende o inventor na máquina do tempo, transporta-o para o mesmo período que esteve viajando anteriormente. O inventor depara-se com um homem das cavernas puxando pelos cabelos uma mulher, fica abismado em ver aquela cena, levanta a mulher do chão e pergunta para o homem por que ele não a deixa andar sozinha. A mulher pega o bastão de madeira da mão do homem e bate no inventor, permitindo assim, que o homem a carregue pelos cabelos novamente.

²Animação; Substantivo feminino; Ação de animar, dar vida, ânimo. Artes; Técnica que simula o movimento de desenhos ou personagens, que se efetiva através de recursos mecânicos, eletrônicos etc. Cinema; Gênero televisivo e cinematográfico que deriva dessa técnica, partindo de desenhos filmados ou outros objetos; desenho animado; cartoon. (Dicionário online de Português.)

Figura 4 – Pica-Pau Super Vendedor Pré-histórico (1969)



Fonte: valeapenarelembrar.blogspot

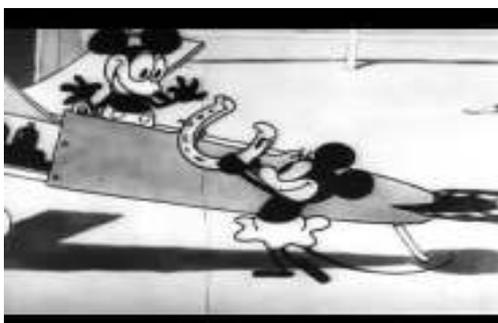
Animar é cativar, dar vida a universos e personagens fantásticos criados pela magia da imaginação. Por esse motivo, a maioria dos filmes em animação³ é dirigida ao público infantil, por conseguirmos criar esses universos com personagens cativantes que mexem com a criatividade e fantasias do mundo das crianças. Por isso as fábulas, desde a antiguidade, servem para nos aproximar desse universo infantil: a lebre e a tartaruga, fábulas, pica-pau. Nesse sentido, não é de se estranhar que as primeiras animações, no mundo moderno, recuperem esses e outros animais, antropomorfizados. Pois fábulas nada mais são que uma construção literária em que os personagens são animais que apresentam algumas características humanas, como falas e costumes. Geralmente estas narrativas literárias são direcionadas a um público infantil, e sempre acabam com algum ensinamento moral de caráter instrutivo para servir de exemplo.

3.1 Animação e o mundo animal

A precursora de desenhos infantis do mundo é a Walt Disney, que estreou seu primeiro trabalho em 1928 com personagens que até hoje são símbolos da produtora. O primeiro desenho chama-se Avião Louco “Plane Crazy”, estrelando Mickey Mouse e a Minnie.

³ Animações, no cinema, são narrativas contadas a partir de diversos *frames* de desenhos, que assim que seus fotogramas são conectados, assistimos em dezesseis ou mais reproduções por segundo, dando a origem a uma sensação de movimento (AUTOR, Ano). Nos primórdios da animação, esse processo era feito manualmente, *frame* por *frame*, tornando o trabalho extremamente mecânico e demorado. Nos dias de hoje, esse processo já foi digitalizado, tornando-se muito mais eficiente.

Figura 5 – Plane Crazy (1928)



Fonte: oficialhostgeek

Ainda que o desenho conte a história de Mickey, já está constituído com a sua parceira: Minnie. O desenho conta a história de Mickey, que está prestes a apresentar para uma multidão o avião que construiu; no entanto, o avião não decola e se desmonta. Sem querer desistir da ideia, ele encontra um carro e o transforma em um avião, na esperança de que, dessa vez, decole. Minnie aparece para admirar o trabalho do rato e lhe deseja sorte, entregando-lhe uma ferradura. Mickey a convida para voar junto com ele. Animada, Minnie entra no avião e os dois, atrapalhados, derrubando tudo que vem pela frente, finalmente conseguem decolar. Nas alturas, Mickey pede um beijo para Minnie, que recusa; o rato, bravo, decide fazer manobras radicais para assustar a ratinha e ameaçá-la para finalmente conseguir o beijo. Minnie não gosta da brincadeira e persiste na negação do beijo. Inconformado, Mickey rouba um beijo da rata que, ainda mais irritada, lhe dá um tapa no rosto e pula do avião. Ela usa sua roupa de baixo como para quedas. Mickey vai atrás de Minnie e percebe que não possui nada para servir de paraquedas e cai abruptamente no chão.

Pode-se perceber, nesse desenho, que a animação já permitiu criar personagens que no *live-action*⁴ seriam improváveis de serem construídos, pois ambos são ratos e bem como os demais também são relacionados ao mundo animal. Engraçadinhos, atrapalhados e bem parecidos com cartoons⁵, as onomatopeias são as características principais do som, criando elementos divertidos para o universo infantil.

⁴Live-action define-se como em cinematografia, é um termo utilizado para definir os trabalhos que são realizados por atores reais, ao contrário das animações;

⁵ Caarton: [Literatura] História publicada em quadrinhos; história em quadrinhos. [Telecomunicação] Desenho animado.

Analisando o comportamento dos personagens nesse desenho, já somos capazes de perceber o comportamento masculino nos anos de 1920. Primeiro, o grande inventor do avião na história é o rato. A personagem feminina só aparece depois na narrativa, apenas oferece seu suporte, apoiando-o e oferecendo boa sorte. Quando os dois sobe o avião, Mickey ameaça Minnie com manobras radicais para que, a partir do medo, ela ceda um beijo e, mesmo depois que ela reitera o “não”, indignado, o rato rouba um beijo como se ela fosse obrigada a querer beijá-lo.

O próximo episódio da série Mickey Mouse a ser abordado neste trabalho foi publicado no ano de 2009 no Canal YouTube. O episódio chama-se “A fotografia do Mickey”. Naquele momento já se introduz que Mickey e Minnie são um casal e vivem juntos. Já conhecemos seus melhores amigos: Pato Donald e Margarida, que também são um casal. No entanto, eles não são ratos, mas, sim, patos. Além do casal de amigos, Pateta também é introduzido nesse episódio, é um cachorro, grande amigo de Mickey e Donald.

O desenho inicia com Pato Donald e Mickey jogando com uma bola de futebol americano na casa do rato. Minnie chama a atenção do companheiro avisando que eles não deveriam jogar dentro de casa, pois poderia estragar alguma coisa. Margarida e Minnie aproveitam para avisar que vão fazer compras no centro da cidade. Os amigos Mickey e Donald assentam, e elas partem. Ao saírem, eles resmungam e chutam a bola que bate por vários lugares, quebra e amassa um porta-retrato com a fotografia de Margarida e Minnie. Desesperados, o pato e o rato decidem reproduzir a fotografia vestindo-se de Minnie e Margarida e, para isto, pedem ajuda de Pateta.

Figura 6 – Mickey e Donald vestido de mulher



Fonte: Studios Disney, "A fotografia do Mickey" [2009]

Nesse episódio já se percebe a evolução da qualidade dos desenhos da Disney. Os cenários possuem um traço mais bem definido, bem como os personagens e a cor traz vida ao universo desses animais. As onomatopeias ainda fazem parte das características sonoras desse desenho, reforçando os elementos engraçados e divertidos.

Alguns estereótipos podem ser observados nas personagens femininas. Primeiramente a preocupação de manter a casa em ordem é da Minnie e não do Mickey, reforçando o estereótipo feminino. Os dois amigos ficam até irritados com a observação que a rata faz para não jogarem bola dentro de casa, pois poderiam estragar alguma coisa. Os dois personagens masculinos representam o comportamento de jovens garotos em suas residências. A reação da personagem feminina é quase como de uma mãe chamando a atenção de seu filho homem para não brincar com bola dentro de casa e, no momento em que ela vira as costas, ele e seu amiguinho fazem caretas e lhe desobedecem. A relação de casal entre Minnie e Mickey, Margarida e Donald é quase como “brincar de família” na infância. E nós, mulheres, apesar de uma relação de casal, reproduzimos muitas vezes esse papel de “mãe”, num duplo sentido, impondo regras na casa ou organizando a rotina doméstica. Também se ressalta nesse episódio que o interesse das mulheres é preocupar-se com a aparência, e suas principais atividades, além de cuidar da casa, é fazer compras.

Assim como nos períodos pré-históricos em que se registrava o que se passava no mundo exterior – e suas rotinas em uma verdadeira narrativa –, as animações que nos dias de hoje somos acostumados a ver, apesar de possuírem universos imaginários, personagens com aparência e formatos que não condizem com a realidade, ainda são um registro de como o ser humano percebe as relações humanas e seus conflitos sociais. Por esse motivo, podemos fazer diversas ligações dos conflitos de dois ratos com os humanos. Fazendo esse levantamento, podemos concluir que a animação, apesar de pertencer a um universo ficcional na sua maioria das vezes criado para o entretenimento infantil, cria personagens com características comportamentais que o ser humano nota como naturais na sociedade. No entanto, é importante lembrar que esses padrões de comportamentos reproduzidos pelos personagens podem, desde a infância, reforçar esses estereótipos de feminino e masculino. Pensando nisto, desenhos como o do Mickey Mouse, apesar de construir conflitos pequenos e se apropriarem

de um humor bastante primário, reforçam, de uma maneira bastante indireta, padrões de comportamento.

3.2 As mulheres das animações da Disney

Neste tópico faremos uma análise da trajetória das personagens da Disney baseado no texto de Patrícia Veronica Moreira e Jean Cristtus Portela (2018) para entender um pouco sobre a evolução das personagens femininas da produtora até chegar à personagem que analisaremos ao longo desta pesquisa acadêmica. Iniciaremos falando sobre **Branca de Neve**, que foi a primeira princesa da Disney e o primeiro longa-metragem da produtora, lançado em 1937. **Branca de Neve** é um conto dos Irmãos Grimm (1817) adaptado pela Disney, que transformou a história em um conto infantil. Desde o nascimento, seu pai preparou sua menina para ser a princesa mais bela do reino, porém depois de sua total orfandade, tornou-se uma personagem vinculada a trabalhos domésticos, desprezada e invejada por sua madrasta que a isolou no castelo, pois não suportava ver a superior beleza da princesa.⁶A madrasta manda matá-la, porém seus planos não foram executados. A princesa não morre e passa a viver na floresta com sete anões. Ao descobrir que foi enganada e que a execução da princesa foi uma farsa, a rainha malvada trama outra maneira de acabar com a vida de Branca de Neve. Ela mesma usa um disfarce de velhinha bondosa como vendedora de frutas, vai até a floresta encontrar a ingênua menina que de pronto é vítima da perversa. A menina come a maçã envenenada que lhe é oferecida, adormece em um sono enfeitiçado do qual só pode ser salva com um beijo de amor verdadeiro dado por um príncipe.

A Fantasia do ser encantado vinculada a figura masculina, salvadora retrata exatamente o que a sociedade espera que uma mulher seja: bonita, que saiba exercer as tarefas domésticas, frágil, ingênua, e que, no final, sempre seja salva por um “príncipe encantado”, o homem perfeito.

⁶Irmãos Grimm: Jacob (1785) e Wilhelm (1786) nascidos na Alemanha foram dois irmãos, ambos acadêmicos, linguistas, poetas e escritores que se dedicaram ao registro de várias fábulas infantis.

Figura 7 – Cena da Branca de Neve e a maçã



Fonte: Studios Disney. Branca de Neve e os Sete Anões (1938)

No texto de Moreira e Portela (2018), apresenta a ideia de Kaplan (1995) que apresenta três tópicos de representações ao longo dos anos 1930 até os dias atuais. A primeira representada pela mulher "cúmplice" que renuncia seus sentimentos pessoais e realizações, assumindo uma postura frágil. A segunda pela mulher "resiliente" onde a mulher já está integrada ao mercado de trabalho e emancipação financeira. E finalmente pela terceira que é a mulher "pós-moderna", que conquista sua liberdade, enfrenta questões novas e complexas que se originam na contemporaneidade.

Além da **Branca de Neve**, pode-se colocar nesse primeiro movimento denominado como "Cúmplices" as protagonistas de filmes como **Cinderela** (1950) e **A Bela Adormecida** (1959) que, além das características que já citamos sobre a personagem diríamos ainda que as outras duas princesas também sejam quietas, elegantes, graciosas, compassivas, gentis, resilientes, típicas donzelas em perigo. No segundo tópico, Moreira e Portela ainda ressaltam que segundo Breder (2013), autor da monografia **Feminismo e Príncipes Encantados**, as princesas podem ser consideradas como "Resistentes", seguindo o movimento feminista, quando surgem as personagens Ariel, de **A Pequena Sereia** (1989); Bela, de **A Bela e a Fera** (1990), Jasmine, de **Aladim** (1992), e, ainda as personagens que dão nome aos filmes **Pocahontas** (1995) e **Mulan** (1998).

Todas as cinco podem ser vistas como personagens mais ativas, determinadas, com espírito aventureiro, habilidosas, corajosas e conseqüentemente o amor ficou em segundo plano, tornando-as mais cientes

sobre o seu papel como mulher, mesmo com suas ressalvas. O machismo ainda aparece de maneira sutil nesses filmes. Podemos dar o exemplo de Bela, que sempre demonstrou interesse pela literatura e, em um determinado momento, Gaston, pretendente de Bela, a crítica por estar lendo, pois mulheres que leem demais começam a ter ideias mirabolantes. Outro exemplo a ser usado é no filme da Ariel, quando a Úrsula, a vilã do filme, em uma das músicas, canta:

O homem abomina tagarela
 Garota caladinha ele adora
 Se a mulher ficar falando
 O dia inteiro e fofocando
 O homem se zanga, diz adeus e vai embora
 Não!
 Não vá querer jogar conversa fora
 Que os homens fazem tudo pra evitar
 Sabe quem é mais querida?
 É a garota retraída!
 E só as bem quietinhas vão casar!
 (Canções Infelizes - A pequena sereia)

Abaixo a ilustração do momento em que Úrsula canta para Ariel:

Figura 8 – Úrsula canta para Ariel



Fonte: Studios Disney, A pequena sereia (1989) New York Post

Mesmo que resistente Ariel ainda decide perder sua voz em troca de pernas para viver um romance com um homem que vive sua vida em terra firme. O terceiro tipo chama-se “pós-moderna” que nos mostra novos posicionamentos assumidos pelas mulheres na sociedade contemporânea e podemos citar as personagens Tiana, de **A Princesa E O Sapo** (2009), Rapunzel, de **Enrolados** (2011), Mérida,

de **Valente** (2013), Anna e Elsa, de **Frozen** (2013). Estas personagens já se caracterizam como fortes, habilidosas, corajosas então desejam mais que um príncipe (com exceção de Anna que se casa depois). Temos duas personagens que não almejam mais se casar nos padrões que seus familiares determinam. Mérida oferece sua própria mão em casamento e tenta vencer, em um duelo de arco e flecha, aos demais concorrentes que desejam casar-se com ela (Imagem 9). Elsa isola-se em seu castelo de gelo para viver sozinha e não ser um perigo para os demais.

Figura 9 – Mérida em **Valente** (2012)



Fonte: Pinterest

Outro ponto marcante é que o ato de amor verdadeiro aparece de outras maneiras nesses filmes. Mérida, do filme **Valente** (2012), salva a mãe e os irmãos do feitiço que transformaram em ursos e conquista o direito de tomar suas próprias decisões. Em **Frozen** (2014) Anna, colocando-se à frente de Elsa, salvando-a quando Hans a ataca e é congelada. Elsa salva Anna com um abraço de amor verdadeiro que descongela a irmã. Ambas são salvas pelo amor que sentem uma pela outra e não por um príncipe como visto nas primeiras princesas analisadas, mostrando certa evolução. Aqui, já começam a aparecer interesses destas personagens femininas com atividades ditas “masculinas” como, em **Valente**, Mérida que pratica arco e flecha.

Guacira Lopes Louro (1998) diz em seu livro que para falar sobre o coletivo sempre usamos o pronome masculino, por exemplo, quando um professor (a) quer se referir a toda a turma, usa o termo “alunos” e nós, mulheres, aprendemos a entender que estamos sendo enquadradas nesse mesmo termo, que estão se referindo a nós também, coisa que não ocorre da mesma maneira com os homens. Nisto, Guacira se questiona se as mulheres aprenderam a pertencer ao masculino ou a se esconder. Isto nos faz questionar por que a maioria das princesas da Disney, assim como Branca de Neve esconde-se, fragiliza-se atrás dos homens. Por que as mulheres são vistas dessa maneira?

Com a evolução dos movimentos feministas e das discussões sobre desigualdade de gênero, a Disney vai se adaptando pouco a pouco, transformando as personagens em mais empoderadas e menos dependentes dos homens.

3.3 A heroína nas animações: A Mulher Maravilha

Figura 10 – Mulher Maravilha



Fonte: Liga da Justiça (2001) formiga elétrica

A Mulher-Maravilha é uma personagem que surgiu inicialmente pelas revistas em quadrinhos. Criada em 1941, é uma das personagens mais antigas da DC Comics (editora norte-americana especializada em história em quadrinhos). A história da personagem é extremamente interessante. A Mulher-Maravilha é a Princesa das Amazonas, um grupo de mulheres que vivia livre de qualquer tipo de influência dos homens na Ilha do Paraíso. Ela é filha da Rainha Hipólita que a criou a partir do barro, pois ela recebeu dos deuses gregos o dom da vida,

tornando-se assim a primeira Amazona que não foi concebida por um homem. A Amazonas foi nomeada como Diana.

Diana recebe a missão de transformar o mundo em um lugar mais justo. Ela cresce junto com outras Amazonas que lhe ensinam tudo sobre a paz e o amor. Elas a treinam para que se torne uma excelente guerreira. Além disto, Diana foi batizada com diversos poderes pelos deuses gregos, sendo extremamente forte, resistente, podendo voar, entre outras capacidades que a fazem uma heroína completa. Com o passar do tempo infelizmente a história de Diana foi mudada, criaram uma nova narrativa para seu nascimento transformando-a em filha de Hipólita e Zeus, o que fez deixá-la de ser uma criação feminina.

No universo dos desenhos animados, Diana aparece como fundadora da Liga da Justiça (2001), ao lado de outros super-heróis muito famosos, como o Batman, Superman, Lanterna Verde, Flash, entre outros, tornando-se uma personagem muito importante para a representatividade da força feminina. Ela é tão forte como os demais integrantes do grupo, e ainda está na linha de frente na construção de uma equipe que tem como intenção lutar contra o mal em busca de um mundo mais justo. O que faz total sentido, pois a personagem foi criada com esse objetivo. Antes disso, sua primeira adaptação nos desenhos animados foi no desenho “Super Amigos”, transmitido na televisão no ano de 1973.

Apesar de ser criada somente três anos depois da Branca de Neve, ela foi se tornar uma personagem dos desenhos animados somente em 1973, alcançando assim o público infantil que não consumia histórias em quadrinhos. Podemos notar a discrepância nas personalidades entre as duas personagens: são completamente extremas para serem criadas com tão pouca diferença de tempo. Uma com todas as limitações da donzela em perigo e outra, criada para ser independente de homens e com uma missão de vida extremamente importante e de grande responsabilidade que é de transformar o mundo em um lugar melhor. É nesse momento em que, pela primeira vez, as meninas têm uma personagem que representam força, independência e coragem. No entanto vale ressaltar que o Super-Homem foi criado antes que a Mulher Maravilha, no ano de 1938. Primeiro se pensou em construir um personagem masculino com superpoderes, para depois pensar em uma narrativa com uma personagem feminina.

4 ZOOTOPIA: UM FILME PARA UMA EDUCAÇÃO FEMINISTA

Zootopia inicia com uma apresentação de teatro onde animais, aparentemente crianças, contam a história de como era a relação entre presas e predadores num período distante do atual. Predadores atacam ferozmente as presas, que, indefesas, morrem. As crianças interpretam como um tigre devoraria um coelho. Logo depois, eles afirmam que os tempos mudaram e presas e predadores passaram a viver em harmonia. O tigre, que antes devorava um coelho indefeso, estende a mão para o mesmo que levanta. Ambos se apresentam e dizem o que querem ser quando forem mais velhos. Judy Hoops, a coelha, almeja ser policial, pois em Zootopia, a cidade dos bichos *você pode ser o que quiser*⁷. Todos aplaudem.

Figura 11 – Judy conversa com os pais.



Fonte: Zootopia (2017) nerdcomet

- Judy, já se perguntou por que eu e a sua mãe somos tão felizes?
- Não
- Nós abrimos mão de nossos sonhos e relaxamos, né?
- É isso mesmo, Gil. Relaxamos muito.
- Essa é a beleza da complacência, Judy. Se não tentar nada novo, nunca vai falhar.
- Mas eu gosto de tentar.
- O que seu pai quer dizer, é que vai ser difícil, talvez impossível, você se tornar policial.
- É, isso nunca existiu. Coelhos não fazem isso.
- Nunca.
- Nunca.

⁷ Para as transcrições das falas do filme **Zootopia**, será usada a versão legendada do filme, bem como as marcando em *itálico*, diferenciando, assim, das demais citações.

- Então acho que terei que ser a primeira. Porque eu vou tornar o mundo um lugar melhor.
 - Ou, se quiser mesmo tornar o mundo um lugar melhor... O melhor jeito seria plantando cenouras.
 - É, seu pai, eu, seus 275 irmãos e irmãs. Nós estamos mudando o mundo! Uma cenoura por vez.
 - É isso, plantar cenouras é muito nobre.
 - [...]
 - É ótimo ter sonhos, desde que não acredite demais neles.
- (ZOOTOPIA, 2016)

A primeira ligação que se pode fazer é a atitude dos pais de Judy com os pais de garotas na nossa sociedade. Quando as meninas consideram exercer uma profissão diferente do esperado para ela – no caso de Judy, plantar cenouras – são desmotivadas por acreditarem que não são capazes de alcançar tal objetivo. No caso do filme, ainda que não seja esse o objetivo – inclusive cremos que há outra justificativa que mais tarde será apresentada – usar a desculpa de que *coelhos nunca foram policiais* é uma maneira muito usada para encobrir o machismo. Uma parte do diálogo que chama muito a atenção é quando o pai de Judy fala *é ótimo ter sonhos desde que não acredite demais neles*. Esse é o grande conselho que o pai de Judy dá para sua filha. *Nunca sonhe alto demais, pois você é uma mulher. Você não pode ser mais que um homem*. Tal fala lembra uma frase de Adichie (2015, p. 30):

Ensinamos as meninas a se encolher, se diminuir, dizendo-lhes “Você deve ter ambição, mas não muita. Deve almejar o sucesso, mas não muito. Senão você ameaça o homem. Se você é a provedora da família, finja que não é sobretudo em público. Senão você está emasculando o homem”.

Mas o que faz a Judy ser uma personagem que transcende os estereótipos de comportamento feminino nessa cena é que, quando seus pais dizem que nunca um coelho conseguiu ser policial, ela reflete por dois segundos e afirma que então terá de ser a primeira, pois ela quer transformar o mundo em um lugar melhor. Judy não permite que essa informação a abale fazendo com que a desistência de tornar esse sonho em realidade não seja uma opção.

Logo após, ela percebe um tumulto próxima de suas amigas ovelhas. Judy corre para ver e observa que uma raposa havia tomado os bilhetes de cinema e passa a enfrentar a abusadora pedindo para que devolva os ingressos para seus devidos donos.

Figura 12 – Gideon e Judy



Fonte: deviantart

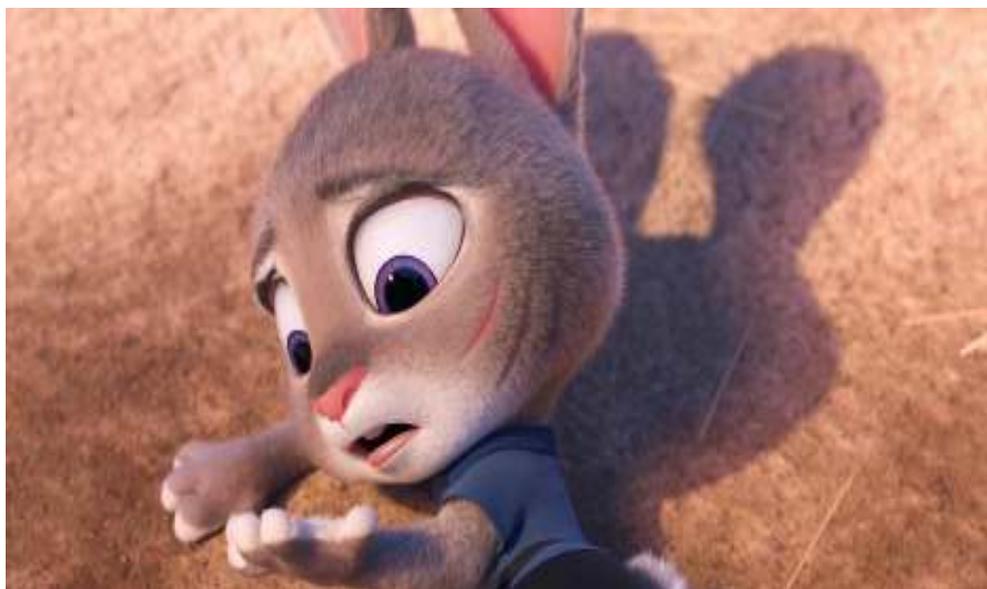
Essa cena do início do filme é muito importante para a narrativa de Judy, pois a coelha passa, mesmo que em oculto, a ter medo de raposas e, esse tormento a acompanha até metade do filme. Também é nessa cena que se podem perceber como todos ao redor de Judy degradam o sonho da personagem de ser policial. É muito impactante essa cena pois a coelha é agredida por Gideon não só fisicamente, levando um arranhão no rosto, como também verbalmente. A primeira fala a destacar aqui é quando Gideon diz: *Bela fantasia fracassada. Em que mundo você vive, para achar que uma coelha pode ser policial?* Nessa frase, novamente o filme reforça o fato de todos não acreditarem no sonho de Judy. Além disso, Gideon adverte:

Cuidado, eu sou uma raposa, e como você disse na sua peça imbecil, nós os predadores costumávamos comer vocês presas. E esse instinto assassino ainda está no nosso DNA. Está assustada? Então chore, eu quero que você se lembre desse momento sempre que achar que você pode ser qualquer coisa além de uma coelha fazendeira idiota. (ZOOTÓPIA, 2016).

Pode-se ver na imagem 13, como a agressão de Gideon foi violenta o bastante para deixar marcas no rosto de Judy. Nem ela mesma acredita que a

agressão realmente aconteceu, não imaginando que ele fosse realmente capaz de agredi-la.

Figura 13 – Judy atacada por Gideon

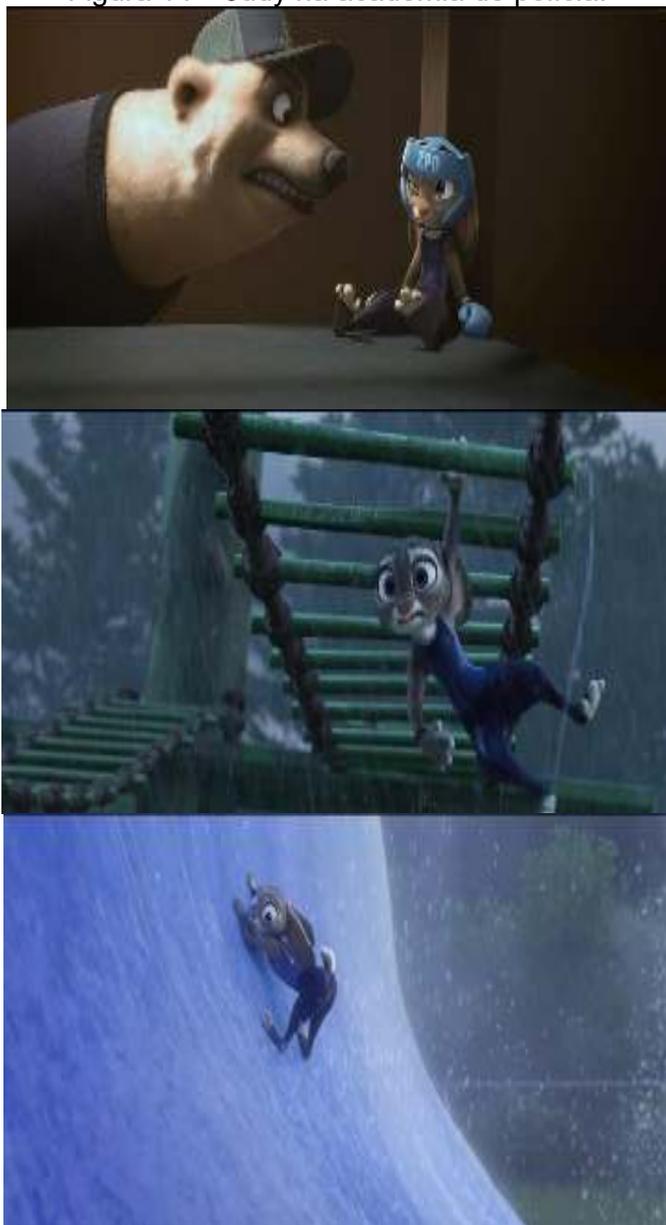


Fonte: deviantart

É realmente Judy nunca mais se esquecerá daquele momento. É um acontecimento muito forte para uma criança, uma agressão dessas poderia ter arrasado a coelha a ponto de desistir completamente. Mas, ao invés disso, ela levanta-se, coloca novamente seu chapéu de policial e afirma: *Bom, numa coisa ele tinha razão. Eu não desisto mesmo.* Minha criança interior vibra pela Judy, torço por ela, quero ser como ela. Mesmo que todos me empurrem para o chão e digam o quanto não irei conseguir, eu posso levantar e persistir. Essa é a coisa mais linda que a Judy como personagem me faz querer ser. Imagina para uma menina com sonhos impossíveis o que ela estaria motivando?

Após quinze anos, Judy entra para a academia de polícia para tentar tirar o diploma e tornar-se policial. A comandante do curso é uma Ursa polar, em uma de suas aulas ela explica que em Zootopia existem 12 tipos de ecossistemas: Tundralândia, Praça Saara, Distrito florestal e outros. Todos os alunos precisam dominar todos antes de irem para as ruas. Os testes consistem em lutar com criminosos gigantes, tempestades de areia quente, teste de força com queda de 300 metros e parede glacial.

Figura 14 – Judy na academia de polícia.



Fonte: Deviantart

Judy tem grandes dificuldades de ter sucesso nos testes físicos da academia, isso porque eles não são pensados na adaptação de animais pequenos. Ninguém a apoia, ela não tem amigos que a motivem e sua treinadora reitera o tempo todo seu fracasso com frases como: *Já era orelhuda, pede logo pra sair, coelha metida*. Seus colegas fofocam: *Nunca existiu uma policial coelha, Só uma simples plantadora de cenouras bobona*. Essas frases lembram os relatos da reportada nas entrevistas coletadas por Mariana Bastos, que entrou para o curso de mecânica, e o professor logo avisou à aluna que era difícil uma mulher começar e terminar o curso. Isso porque é extremamente estressante e

desmotivador estar vivendo rodeado de homens que não incluem e que menosprezam as mulheres, ainda mais quando mal se começa um curso e o professor já está prevendo que você não irá concluir pelo fato de ser mulher. Judy não desiste, ela estuda durante a noite enquanto faz exercícios para melhorar seu condicionamento físico e, com muita inteligência, ela começa a encontrar alternativas para ultrapassar os obstáculos mesmo não sendo adaptados para ela.

Figura 15 – Judy superando obstáculos.



Fonte: Deviantart

Quando se fala em “adaptados” para animais pequenos como a Judy, é preciso contextualizar um pouco melhor a cidade de Zootopia para entender por que isso é uma questão que exclui os animais frágeis para esses tipos de profissões. Zootopia é uma cidade adaptada para todos os tipos de animais mamíferos, grandes e pequenos. Para que todos possam conviver juntos sem dificuldades, suprimindo a necessidade de cada espécie.

Figura 16 – Zootopia: Um lugar para todos.



Fonte: deviantart

Nesta cena do filme, Figura 16, quando Judy acaba de chegar à cidade de Zootopia, nota como tudo é adaptado para todos. Ela passa por estes elevadores adaptados para hamsters. Este é só um dos exemplos que mostra como a cidade é pensada na inclusão de animais, para que todos vivam perfeitamente em harmonia. No entanto, essa tentativa de igualdade não acontece em todos os lugares de Zootopia, pois na delegacia de polícia, como percebemos, os testes físicos não eram adaptados para ela, assim como nada mais naquele ambiente.

Figura 17 – Judy no banheiro.



Fonte: deviantart

É muito difícil se sentir parte de algum lugar quando nada é pensado para você. Judy, sem dúvidas, estava sendo arrastada para fora daquele lugar, pois ela não pertencia a ele.

Apesar de todas as dificuldades que Judy enfrentou tentando realizar seu sonho, ela consegue dar a volta por cima e se torna a primeira policial coelha de Zootopia. Sua formatura tornou-se um grande evento para a cidade. O prefeito e a vice-prefeita compareceram ao evento para prestigiar o grande acontecimento: a primeira vez que uma coelha se tornar policial. E o prefeito fala:

– Como Prefeito de Zootopia, tenho orgulho em anunciar que meu projeto de inclusão de mamíferos resultou na formatura do nosso primeiro policial. Aprovada com louvor, o DPZ apresenta a primeira policial coelha, Judy Hoops. (ZOOTÓPIA, 2016).

O projeto do prefeito da cidade de inclusão de mamíferos é uma grande ideia, assim como é importante, como comentado já neste trabalho, a criação de

leis de inclusão para mulheres conseguirem alcançar cargos de liderança em empresas. É claro que no filme a inclusão de mamíferos engloba todos, independente de gênero, mas esses mesmos fomentos relacionados às mulheres devem ser pensados.

O grande problema do projeto do prefeito de Zootopia é que ele simplesmente não existe no departamento de polícia e mesmo assim quis se autopromover pelo fato de uma coelha estar se formando. O mérito dessa conquista é unicamente de Judy, que nunca teve apoio de ninguém para conseguir tal feito. Pode-se perceber também que o prefeito pouco se importa com os mamíferos pequenos, ele destrata completamente a existência de sua vice-prefeita ovelha. O que se nota é que existe um jogo político muito forte para utilizar falsas ideologias de inclusão para autopromoção. É nesse momento que percebemos o quão importante é dar voz e poder para as minorias e, em especial aqui, as mulheres, pois é somente colocando-as em cargos de liderança que teremos uma real empatia e fomentos de inclusão fazendo o ambiente de trabalho mais igualitário e dando oportunidade para todos.

Judy é designada para o Distrito Um de Zootopia. Antes de sua partida, seus pais tentam lhe entregar um kit enorme anti raposas. Antes de sair para o seu primeiro dia, ela olha para o spray e considera se o leva ou não. Mesmo sendo extremamente positiva, determinada e corajosa, é muito difícil se manter autoconfiante cem por cento dos momentos quando todos tentam lhe colocar medo, sentimento que foi aprendido desde a infância. Mesmo depois de Judy já estar apta a ser policial, ainda não acreditam nela. Este fato faz com que em determinado momento ela duvide de si mesma e, tenha que decidir por levar ou não o spray em seu primeiro dia de trabalho. Judy tenta resistir, mas, ouvindo a insistência da família, acaba levando um spray afasta raposa.

Ao chegar ao departamento de polícia, ela apresenta-se para o recepcionista, um tigre chamado Clawhauser. No momento em que ela chega, ele faz um comentário sobre Judy, chamando-a de *fofa*. Judy o adverte dizendo que somente coelhos podem chamar uns aos outros de *fofos*. O tigre desculpa-se de uma maneira *fofíssima* e logo nos apaixonamos por este personagem que ao longo da história se mostra extremamente simpático, apaixonado por vídeos e jogos de divas pop.

Figura 18 – Judy na sala de recrutamento.



Fonte: deviantart

Na sala de recrutamento, todos os novos formandos são apresentados para o Chefe Bogo, um búfalo bastante ameaçador. Aqui podemos notar novamente como Judy não é bem-vinda no departamento de polícia, pois ela tem bastante dificuldade para subir na cadeira e, ao invés de ficar sentada como todos os outros, ela está em pé para conseguir enxergar o chefe Bogo. Também se nota como todos os outros policiais que foram designados para o mesmo departamento que ela são homens e animais grandes.

Após todos serem designados para a tarefa de investigação dos desaparecimentos que estavam ocorrendo na cidade de Zootopia, Judy é recrutada para a atividade de guarda de trânsito pelo chefe Bogo. Judy tenta argumentar afirmando que foi a melhor em sua turma e que também seria capaz de realizar a tarefa de investigação já que haviam muitos desaparecidos. Bogo não dá a mínima e ainda afronta dizendo que, se ela não é uma simples *coelha bobinha*, não seria difícil para ela aplicar cem multas durante o dia. Judy fica irritada, mas logo percebe que, para conquistar seu espaço, precisa mostrar serviço e, assim, ela cria uma meta de aplicar duzentas multas antes do almoço.

Figura 19 – Judy guarda de trânsito.



Fonte: Deviantart

E é o que ela faz, aplica duzentas multas até a hora do almoço. Nós, espectadores, torcemos o tempo todo para Judy finalmente conseguir exercer sua profissão, mas, em todos os momentos do filme, é nítido como ela precisa fazer muito mais esforço para conquistar esse direito, simplesmente porque ninguém acredita nela. Não adiantou ter se formado de maneira honrosa, suportar pais que a desmotivam, raposas afrontosas ameaçando-a, professores pressionando sua desistência, colegas de classe que fazem fofocas maldosas a seu respeito. Mesmo depois de ter enfrentado tudo isso, ainda precisa trabalhar muito mais do que os outros para poder provar sua competência.

Essa é a realidade de muitas mulheres dentro do mercado de trabalho, pois como havíamos discutido antes, além de historicamente as mulheres não serem consideradas competentes para muitas tarefas consideradas masculinas, ainda existe a dificuldade da dupla jornada. Judy, nesse caso, não possui esse problema, pois ela não é casada e não tem filhos, mas ainda sim precisa estar sempre se provando. Aproveitando para destacar que outro diferencial da personagem é o fato de, em nenhum momento do filme, ela ter qualquer envolvimento amoroso com alguém. Diferentemente de outras protagonistas da Disney, Judy é uma personagem cujos interesses se distanciaram muito da ideia do matrimônio. Nick, o personagem que vem a seguir, é sempre visto como um grande amigo e, mais para frente na sequência do filme, colega de trabalho de Judy.

Ao terminar sua tarefa, ela percebe que uma raposa está prestes a entrar com uma criança vestida de elefante em uma sorveteria destinada para os elefantes. Judy desconfiada, pois sabemos de seu passado com raposas, vai atrás da raposa para verificar se há motivo para desconfiar. A raposa aparentemente só quer comprar um picolé de elefante para seu filho que é apaixonado por elefantes e gostaria de ser um, até porque, *em Zootopia você pode ser quem quiser*. O elefante, dono do estabelecimento, nega-se a vender para a raposa. Comovida com a injustiça que acabou de presenciar, convence o elefante a vender o picolé para a raposa, ameaçando prender o dono do estabelecimento por violações a serviços sanitários, pois os sorvetes estavam sendo servidos com a tromba sem nenhuma proteção. Feliz por ter feito aparentemente uma boa ação, Judy volta ao trabalho. Mais tarde, depara-se com a raposa trapaceando, vendendo pequenos

picolés para hamsters e vendendo os palitos para ratos. A coelha então percebe que foi enganada pela cena da raposa.

No segundo dia de trabalho de Judy presencia um assalto em um supermercado. Ela corre atrás do suspeito e pede para que ele pare em nome da lei. O ladrão segue correndo e desdenha de Judy: *Vem me pegar, orelhuda*. Outros policiais veem a cena e, ao invés de dar suporte para a coelha, tentam impedi-la: *Deixe essa tarefa para policiais de verdade*. Por que Judy não seria uma policial de verdade? Ela formou-se do mesmo modo que eles. Mas, literalmente, Judy é uma piada para todos. Depois de muita perseguição, ela consegue prender o criminoso e o leva até a delegacia. No entanto, ao chegar lá, tem a grande surpresa de não ter agradado o chefe Bogo com a sua atitude, que diz:

– Abandonou o seu posto, incitou pânico, expôs os roedores ao perigo. Mas, para ser justo, impediu um gênio do crime de roubar duas dúzias de cebolas. (ZOOTÓPIA, 2016)

Judy então responde que este é seu dever, prender ladrões. Bogo a corrige e diz que seu dever é aplicar multas de trânsito. A coelha insiste que quer ser uma policial de verdade. Bogo então, de maneira muito cruel, responde: *Acha que o prefeito me perguntou o que eu queria quando mandou você para cá?* Fica claro que ninguém quer Judy trabalhando para a polícia, sua presença incomoda profundamente quase todos ao seu redor.

Novamente, faço uma pausa para outra incursão pessoal sobre o tema, pois minha mãe é policial e me contou que, quando ela entrou na polícia civil, em 1982, na época havia poucas mulheres que exerciam essa profissão. Então, em muitos casos, ela era a única mulher em determinado departamento. A presença dela causava extrema revolta para os homens, muitos deles até provocavam com falas como: “Mulher na polícia só serve para fazer cafezinho”. Eles sempre diziam coisas na tentativa de menosprezar ou desacreditar nas capacidades que uma mulher policial traria à instituição. Com estes ataques constantes ela sempre teve que produzir para além do previsto nas tabelas cartorárias. Valendo-se disto, os colegas ficavam de papo o dia inteiro, acumulando suas tarefas. Quando ela acabava sua produção, dividiam as demandas deles com ela, pois “eles tinham muito trabalho e não estavam dando conta sozinhos”. Isto me lembra Judy, pois a presença dela incomoda e, ainda assim, é a que mais trabalha.

De acordo com as pesquisas abordadas no início deste trabalho, entendemos que as mulheres têm dificuldades de se autopromover. Elas acreditam que somente esperar que seu trabalho seja notado é o suficiente para alcançarem os cargos que almejam. Por outro lado, os homens pedem promoções, aumentos e se auto candidatam para as vagas que desejam, defendendo o motivo pelos quais eles se julgam competentes para tal. No caso de Judy, nota-se que ela não tem este problema, e é um ótimo exemplo: mostrar que se deve, sim, reivindicar quando acreditamos merecer determinado cargo. Judy considera-se capaz de trabalhar nas investigações dos animais desaparecidos, e por isso conversou com o chefe Bogó a respeito. Ela acredita ser uma policial de verdade e enfrenta o chefe reiteradamente.

Em muitos casos, pode-se trabalhar em empresas ou lugares em que ocorra a mesma coisa que aconteceu com Judy. Simplesmente ignorarem nosso pedido por não acreditarem em nosso potencial, mas somente enfrentando tal situação é que as oportunidades podem surgir. E foi assim que Judy ganhou uma chance de trabalhar em um dos casos de investigação.

No meio da discussão, a senhora Otterton, a lontra, invade a sala pedindo para falar com o Chefe Bogó, implorando para que alguém da polícia encontre o Senhor Otterton, seu marido. Judy se comove com o caso e, mesmo que tenha acabado de levar um sermão do Chefe Bogó, ela simplesmente afirma que o encontrará. Bogó pede para que a senhora Otterton espere lá fora e, quando fica sozinho com Judy, a demite. Mas, no momento em que ele abre a porta novamente para conversar com a senhora Otterton, a vice-prefeita aparece e, contente, afirma já saber da grande novidade: Judy está no caso de investigação. Bogó agora não tem o que fazer a não ser dar um prazo de apenas quarenta e oito horas para ela resolver o caso sozinha. Ela ganha a chance que precisava, mas a troco de insistência, afrontamento e chantagem.

Com essa nova chance, Judy, empolgada, quer dar o melhor de si para resolver o caso. Ela recebe uma pasta com todas as informações que a polícia tem sobre o desaparecimento da lontra. Não há suspeitos nem testemunhas, somente uma foto tirada de câmeras da rua do último lugar em que ele foi visto. Judy percebe que ele estava comendo o picolé que a raposa vende para os hamsters e decide ir atrás de Nick, a raposa. Judy tem a sorte grande da única pessoa que ela conhece na cidade estar ligada ao crime. Então ameaça prendê-lo

por sonegação de impostos em troca de ajuda para resolver o caso. Nick dá risada e diz que ela não tem provas para isto e ninguém acreditaria em uma coelha policial. Ela o faz repetir todos os seus crimes que comprovam sua culpa e, pronto, ela tem tudo gravado em sua caneta de cenoura. Nick não esperava por este truque e agora é obrigado a ajudá-la, ainda mais que ela tem pouco tempo para solucionar o caso. Chantageada pelo Chefe Bogo, não lhe é dado nenhum recurso que um profissional da polícia deveria receber para ajudar nas investigações, até porque se espera que ela fracasse.

Judy e Nick passam por alguns lugares que descobriram que a lontra desaparecida frequentava e percebem que ele foi levado por uma limusine. Eles, então, são informados de quem era o motorista da limusine e decidem procurá-lo para interrogá-lo. O motorista é Manchas, uma pantera que mora reclusa. Ao ser interrogado sobre a lontra, conta que a lontra ficou selvagem, violento e o atacou. De uma hora para outra, Manchas enlouquece e, assim como a lontra, fica violento e tenta atacar Nick e Judy, que fogem. Em uma fuga que quase acaba em tragédia, eles conseguem prender, sem planejar muito, a pantera. Judy chama reforços para buscarem a pantera completamente enlouquecida. Quando os policiais chegam, Manchas não estava mais lá. Sem perceberem, a pantera fugiu. Judy tenta explicar tudo o que aconteceu até ali para o Chefe Bogo e ainda salienta que Nick poderia confirmar tudo, pois ele estava presente no momento do ocorrido. Bogo resmunga e afirma que nunca acreditaria em uma raposa, lembra que os dois haviam feito um acordo que ela não cumpriu e, por isso, estava demitida.

Figura 20 – Judy sendo demitida.



Fonte: Deviantart

Nick posiciona-se para defender Judy, alegando ser completamente insano mandar uma policial fazer uma investigação daquela natureza, quase sem provas, sozinha e com o prazo de quarenta e oito horas. Além disso, Nick lembra que ainda restavam dez horas para que o prazo do combinado se esgotasse.

Quando Nick e Judy voltam a ficar sós para continuar a investigação, a coelha agradece. Nick então, em um momento muito sensível, conta que, em sua infância, o seu maior desejo era ser escoteiro. Seu pai, muito empolgado, o inscreveu/matriculou em um grupo, mas, no primeiro dia, seus colegas o prenderam e colocaram nele uma focinheira. Eles o agridem em palavras dizendo que uma raposa traiçoeira nunca poderia ganhar a confiança de um grupo de escoteiro e que nem poderia sair por aí sem uma focinheira. Nick chorou desesperado e seu sonho foi arrasado. Com essa experiência, ele se contentou com a ideia de que ninguém mais, em lugar algum, o veria como qualquer outra coisa a não ser uma raposa traiçoeira e mentirosa. Então ele não via sentido algum em tentar ser diferente do que os outros esperam que ele fosse.

Figura 21 – Nick e trauma de infância.



Fonte: Marinettetale Characters

Esse diálogo remete à discussão anterior de como o machismo também afeta aos homens. Se todos esperam que os homens sejam fortes o tempo todo, sem demonstrar emoções, sem ser participativos nas tarefas domésticas, paternidade, exerçam profissões femininas, por que mudar? É muito complicado tanto para as mulheres tanto para os homens quebrar os padrões impostos pela

sociedade. No caso de Nick, o problema ali apontado não é pelo seu gênero, mas também podemos estabelecer essa relação. Tão traumático quanto o acontecimento com Nick junto aos escoteiros, o episódio em que Judy foi agredida por Gideon poderia também ser traumático se ela tivesse simplesmente aceitado para o resto da vida ser uma coelha que planta cenouras e desistisse da ideia de ser policial. Esses acontecimentos na infância são muito marcantes e podem ser muito influentes para nossas decisões futuras.

Com a ajuda da vice-prefeita, a ovelha, Judy e Nick conseguem ver as câmeras de segurança da cidade, podendo observar para onde Manchas fugiu. Os dois descobrem que a pantera foi levada por uma van para um prédio bem longe. Os dois memorizam o caminho e vão a busca desse lugar. Ao chegar lá, encontram todos os animais desaparecidos, incluindo Manchas e a lontra. Todos estavam presos em celas no prédio. Uma porta se abre e Judy se esconde. O leão, prefeito da cidade, aparece indignado com a aparição de mais um animal que se tornou selvagem. Ele está incrédulo, pois nunca poderá dar a notícia à cidade de que alguns animais selvagens estariam se tornando selvagens novamente. Isso porque ele perderia todos os apoios nas próximas eleições da cidade por ser um leão (selvagem). Todos ficariam com medo. Judy grava tudo e consegue solucionar o caso. Entrega todas as provas para o Chefe Bogo e o prefeito é preso.

Em uma coletiva de imprensa sobre o caso, Judy responde às perguntas dos jornalistas, que, em geral, indagam se já há algum motivo que justifique o fato de todos os animais que voltaram a ter comportamentos selvagens serem predadores. Judy responde que ainda não sabe o motivo, que a polícia ainda está investigando, mas que ela acredita ser um fator biológico. A resposta de Judy deixa Nick muito magoado e os dois discutem.

Judy torna-se a garota propaganda do departamento de polícia, por ser uma policial fêmea de porte pequeno a manter a cidade de Zootopia mais tranquila, e os animais confiam nela. Mas Judy percebe que ser policial não é como ela imaginava que seria, pois, apesar de ter salvado a cidade de animais que estavam tornando-se violentos, magoou profundamente seu amigo e diversos outros animais predadores que eram extremamente amáveis e estavam sendo excluídos agora porque causavam medo. Foi o que aconteceu com o tigre que trabalhava como secretário na delegacia; era querido e adorado por todos, mas,

por ser tigre, foi transferido para uma área em que outros animais não pudessem ter contato com ele. Tudo isso por causa da declaração dela. Além disso, sabia que seu trabalho ainda não estava concluído, pois desconhecia o motivo das infecções que ameaçavam a cidade.

Pensando nisso, Judy desiste de exercer a profissão de policial e volta a vender cenouras na fazenda de seus pais, com a justificativa de que ela teria falhado como policial não conseguindo agradar a todos. Esse sentimento de tentar agradar a todos e ser perfeita em todos os momentos da profissão é um sentimento que persegue as mulheres. Em nenhum momento Judy havia sentido todo o peso da responsabilidade que tinha de todas as coisas que ela havia que provar o tempo todo para si mesmo e até mesmo duvidando da sua própria capacidade como todos tentavam fazê-la sentir. Apesar de todo o otimismo que a personagem usa como escudo para continuar em frente, todas as frases diminutivas são somatizadas e seu sentimento de fracasso, de não perfeição, a faz desistir. É realmente um peso emocional muito forte para uma personagem carregar sozinha.

Judy está claramente infeliz trabalhando com seus pais na fazenda, mas é lá que ela descobre que existe uma planta muito bonita, parecida com uma flor, que todos sabem que não podem chegar perto, pois todos que um dia tiveram contato com a planta ficaram “loucos” e nunca mais voltaram ao normal e não podiam mais viver em comunidade. É aí que ela começa a supor que os animais de Zootopia poderiam estar sendo infectados por essa planta, tornando-se selvagens. Imagina também que alguém poderia estar causando toda essa situação por algum motivo. Por isso, Judy volta a Zootopia e procura pelo seu amigo Nick, pede desculpas com um discurso emocionante e os dois se abraçam. Juntos eles descobrem um laboratório, pistolas que arremessam de longe jujubas feitas com os líquidos daquelas flores e o vilão por trás de todo o esquema. A vice-prefeita, a ovelha Bellwether, é a grande criminosa. Nick e Judy encaminham para a delegacia todas as provas contra a vice-prefeita, e entregam para análise o líquido das flores para que se encontrasse uma cura para todos os infectados. Depois disto, Nick torna-se policial e seu parceiro para investigações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Judy se torna uma personagem importante porque, assim como nas fábulas, que nos trazem animais como personagens que contêm personalidades e comportamentos humanos para, no fim, trazer uma mensagem positiva para as crianças dentro do seu universo infantil, ela representa uma mulher da nossa realidade que independe dos homens. Em nenhum momento da narrativa se aborda a questão matrimonial, não existe essa cobrança dos pais de Judy para que ela se case e nem mesmo existe alguma tensão emocional em relação ao seu amigo Nick. A relação dos dois durante o filme inteiro é somente uma amizade, mostrando-nos que homens e mulheres podem ser amigos. Também, sua importância se efetiva quando ela se permite acreditar capaz de exercer uma profissão masculina que, até então, nenhuma outra coelha havia conseguido. Torna-se, assim, referência para os demais animais de sua espécie que passam a considerarem ser algo a mais do que plantadores de cenoura. A mensagem é clara não só para coelhas, mas para as meninas que consomem esse tipo de desenho: Judy pode ser uma referência de personagem infantil, possibilitando que elas cogitem também exercer essa profissão de policial futuramente, ou qualquer outra que seja considerada masculina.

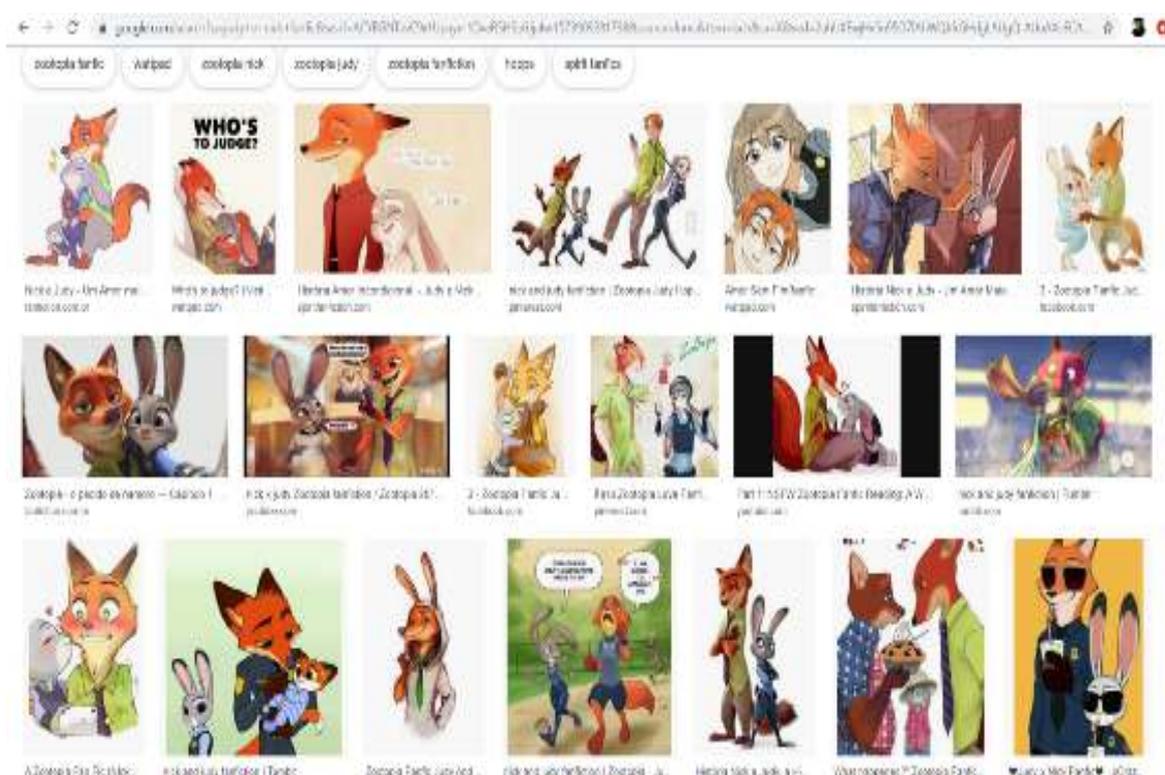
Judy, assim como a Mulher-Maravilha, representa força e coragem, mas de maneiras diferentes, pois Judy ainda vive em um universo mais parecido com os dos seres humanos, sendo uma personagem com suas fragilidades e sem poderes. A personagem quebra o estereótipo de que mulheres são frágeis e dependentes, fazendo parte das novas gerações de personagens que representam a força da feminilidade nos dias de hoje. Personagem atual, com problemas atuais e que ainda traz um grande ensinamento no final: nós podemos ser o que quisermos. Não porque em Zootopia se prega este lema, pois nota-se como a cidade, mesmo que tente ser mais democrática, ainda é bastante discriminatória. Mas ainda assim, podemos e seremos se não desistirmos.

Apesar de Judy quebrar os estereótipos que muito foram reforçados pelas princesas da Disney, existe diversas problemáticas que devemos considerar para refletir sobre como os realizadores de histórias e cineastas têm responsabilidades no momento em que criam uma obra, pois o cinema nunca morre, ele é permanente. Mesmo que a Branca de Neve, um desenho de 1937 que representa

muito dos estereótipos machistas, não seja atual, ainda é consumido pelas crianças no ano de 2019. Podemos visitar os parques temáticos da Disney e encontrar meninas vestidas de Branca de Neve, podemos ir a um aniversário infantil e encontrar temáticas do desenho na festa. Isso significa que mesmo que se crie personagens femininas que não atendam aos estereótipos de gênero, ainda existirão estas personagens ultrapassadas que estarão moldando a personalidade das crianças.

É bastante complexo pensar o quanto a história de repressão das mulheres foi significativa e forte a ponto de se refletir até os dias de hoje, apesar de ter passado tanto tempo. Essas personagens femininas antigas que não representavam a o estereótipo de comportamento daquele período se tornaram tão universais que, na tentativa de criar qualquer outra personagem feminina que fuge desses comportamentos, torna-se estranho para o público. Infelizmente, por mais que com boa intenção, crie-se uma personagem que não pense em matrimônio, podemos encontrar, em diversos blogs e sites, fãs que criaram fanfics e desenhos românticos de Judy e Nick.

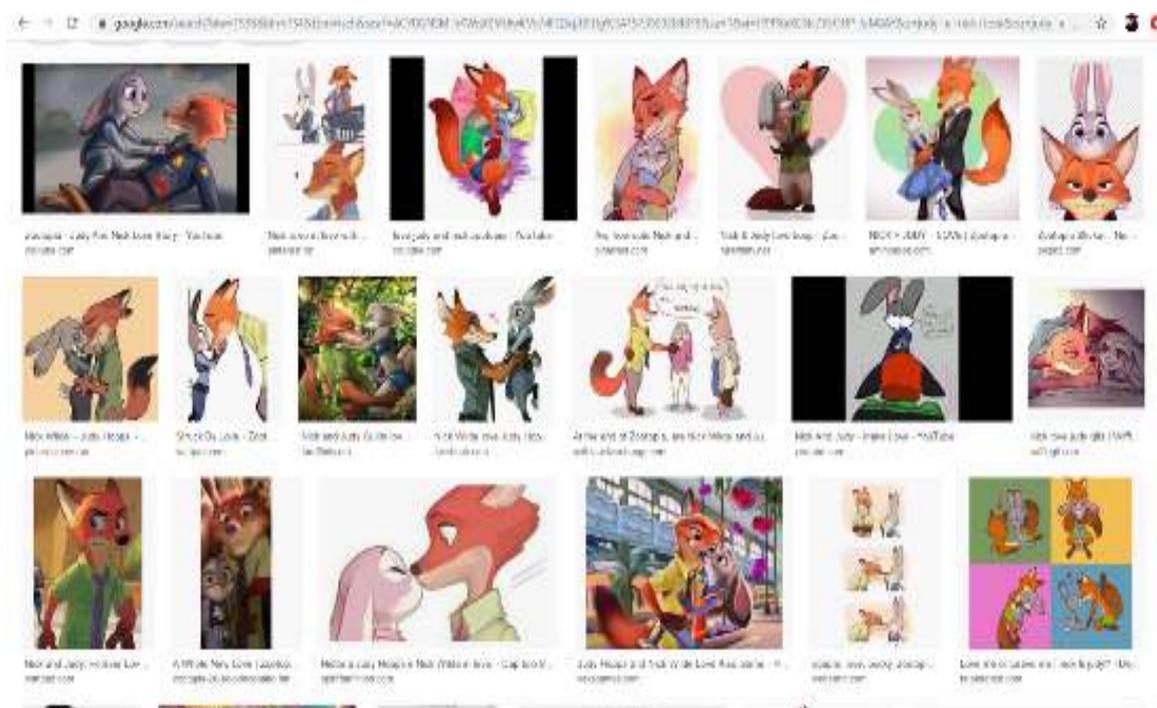
Figura 22 – Judy e Nick como um casal



Fonte: Google Imagens

Na imagem 23, temos mais exemplos de como os fãs idealizaram um romance que não existe.

Figura 23 – Nick e Judy como casal 2



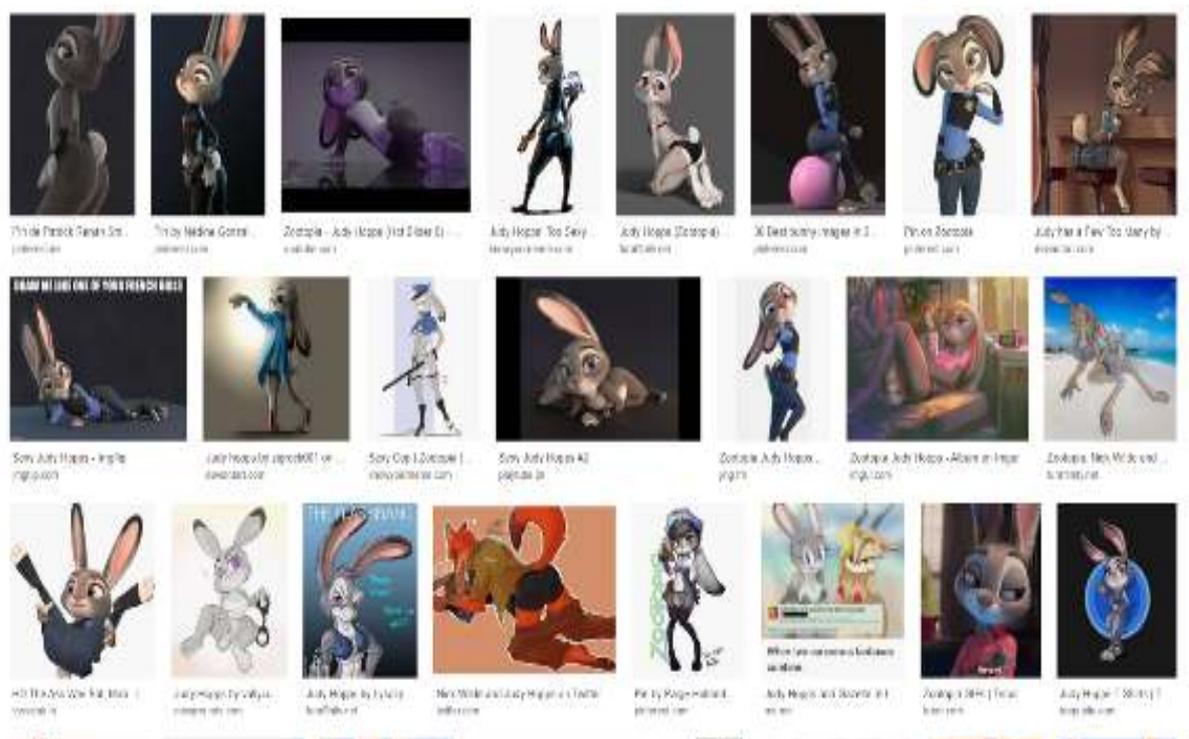
Fonte: Google Imagens

Nessas imagens encontradas em uma pesquisa no Google imagens, podemos perceber que existem vários desenhos dos dois personagens apaixonados e até com filhos. Criam-se narrativas muito além das do filme, construindo aquilo que eles não encontraram na narrativa: o romance, o casamento, a donzela sendo salva por um personagem masculino. Tais narrativas destroem justamente a beleza e a força da história de Judy.

Além disso, Judy quebra também os estereótipos de que as mulheres precisam se preocupar com a beleza. Não existe, em nenhuma cena do filme, a personagem se arrumando, passando maquiagem, etc. Ela não demonstra inseguranças com sua aparência e, na narrativa, não existe uma preocupação de ser a mais bonita da cidade. Mesmo sendo uma personagem que passa a maior parte do tempo com seu uniforme de policial, ainda somos capazes de encontrar outros tipos de fãs que passaram a sexualizar a personagem. Novamente uma não aceitação do público por não encontrar uma mulher dentro de uma narrativa que não se preocupa com as questões estéticas. No entanto, acredita-se que

estas imagens possam ter sido criadas por um público mais adulto que, de maneira grotesca, sexualiza uma personagem que é um animal de um desenho animado.

Figura 24 – Sexualização de Judy



Fonte: Google Imagens

Refletindo sobre isso – pois este assunto poderia render outro TCC – sabemos que as crianças dos dias atuais têm muito acesso à internet e essas imagens são encontradas facilmente no Google. Lamentavelmente é mais um tipo de conteúdo exposto como as mulheres são vistas pela sociedade. Uma personagem com uma história tão bonita de luta pelo reconhecimento e a maneira como o público consegue enxergar sua história é sexualizando a, ou ainda representando-a, no ato sexual, sem que se possa saber quais as circunstâncias e vontades das personagens, como na imagem 4 da terceira linha da Figura 24.

Há também outro tipo de público que aparentemente não aceita que Judy seja uma personagem feminina e criaram uma versão masculina dela. É muito importante que se entenda a gravidade dessas criações, pois é por esses meios que entendemos finalmente como a nossa sociedade foi atingida pelas repressões feitas em relação às mulheres.

Figura 25 – Judy masculina.



Fonte: reedit

Mesmo com todos os avanços que a nossa sociedade deu em relação às mulheres, principalmente por conta das lutas feministas, ainda somos capazes de encontrar esse tipo de conteúdo na internet. Infelizmente também vivemos em um período de retrocesso em muitos sentidos, pois atualmente, no Brasil, foram eleitos representantes conservadores que voltaram a pregar, em seus discursos, antigos costumes e crenças em relação às mulheres. A Ministra de Mulheres, Família e Direitos Humanos, na cerimônia que marcou o início de sua gestão no ano de 2019, ressaltou que em seu governo “menina será princesa e menino, príncipe” (ALENCASTRO, 2019), num aviso contra o que a ela chama de “doutrinação ideológica”. As princesas da Disney também já foram usadas como exemplo pela ministra em outros aspectos. Em outro discurso de Damareis, ela afirma que a Princesa Elsa de Frozen é lésbica, por isso ela não tem nenhum parceiro e vive isolada em seu castelo de gelo.

Novamente ressaltamos que sempre se espera que as mulheres tenham pretendentes, ou que seu objetivo de vida seja casar e ter filhos, além de se preocuparem com a aparência e serem sempre a donzela em perigo, delicada e sensível que, no final, precisa de um homem para salvá-las. Lamentavelmente além de um público que não está habituado com essas novas gerações de personagens femininas, existem figuras políticas que reforçam esses comportamentos e pensamentos retrógrados.

É de extrema importância que o cinema insista na construção de personagens femininas que quebrem os estereótipos de gênero, mesmo que existam todos esses grupos de fãs que criam esses novos elementos das

personagens, pois é somente assim que o público aos poucos vai aceitando que é essa a nova realidade das mulheres. Também é importante para que elas sirvam como representatividade para as meninas em formação de suas identidades, porque, como se pode perceber ao longo deste trabalho, o cinema, sim, é uma representação da realidade, cultura que inspira debates e padrões de comportamentos.

Relembrando também o que foi dito na introdução deste projeto, a comercialização de produtos “Princesas da Disney” auxilia na forte admiração das crianças por estas personagens e a acreditarem que o padrão de comportamento exercidos por elas são os ideais para as mulheres.

As crianças fazem parte da nova geração e a criação de conteúdo (audiovisuais) que ampliem discussões sociais apropriadas para cada idade é uma forma de atingir positivamente para a evolução da sociedade, principalmente das mulheres. Espera-se por mais personagens como Judy e admiradoras mirins vestidas de policiais nos parques temáticos da Disney.

REFERÊNCIAS

A BELA ADORMECIDA (Sleeping Beauty). Direção: Clyde Geronimi, Les Clark, Eric Larson e Wolfgang Reitherman. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1959. 75 min, cor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iVbBWPkyFTg> “Acesso em: 21 de nov. de 2019”.

A BELA E A FERA (Beauty and the Beast). Direção: Gary Trousdale e Kirk Wise. Produção: Don Hahn. Walt Disney Pictures, 1991. 84 min, cor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tm4HLAHNhv8> “Acesso em: 21 de nov. de 2019”.

A BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES (Snow White and the Seven Dwarfs). Direção: David Hand, William Cottrell, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1937. 83 min, cor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pV3ISzuKU8w> “Acesso em: 21 de nov. de 2019”.

ABRAMO, Lais Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?** 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-23102007-141151/publico/TESE_LAIS_WENDEL_ABRAMO.pdf. “Acesso em: 15 de out. de 2019”.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

A FOTOGRAFIA DO MICKEY. Walt Disney Pictures. Walt Disney Productions. 2009. 7 min. cor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=btvErdpF_u0&list=PL2F287FF76C8FF780&index=3 “Acesso em: 20 de ago. de 2019”.

A PEQUENA SEREIA (The Little Mermaid). Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: John Musker e Howard Ashman. Walt Disney Pictures, 1989. 82 min,

cor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rMrV5r4_Wtc “Acesso em: 22 de nov. de 2019”.

ALENCASTRO, Catarina. “Menina será princesa e menino, príncipe”, diz a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 jan. de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/menina-sera-princesa-menino-principe-diz-ministra-da-mulher-familia-direitos-humanos-23341446> “Acesso em: 21 de nov. de 2019”.

ALVES, Damares. Frozen: video de abril de 2018, em uma igreja de Minas Gerais, divulgado em 2019 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-wzXSK9F4GM> “Acesso em: 20 de nov. de 2019”.

A PRINCESA e o Sapo (The Princess and the Frog). Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Peter Del Vecho e John Lasseter. Walt Disney Pictures, 2009. 97 min. cor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIij7S82tUM&list=PL1wSU5kqbj2Ax8PWoxFNCdrEXAT42qza5> “Acesso em: 22 de Nov. de 2019”.

BASTOS, Mariana. Mulheres avançam em profissões dominadas por homens. *In: Gênero e Número*, 9 jun. 2017. Disponível em: <http://www.generonumero.media/mulheres-avancam-em-profissoes-dominadas-por-homens/> “Acesso em: 10 de ago. de 2019”.

BORGES, Heloisa Porto. A tradição dos contos de fada e a sobrevivência de matrizes femininas nas narrativas cinematográficas infantis. **INTERthesis, Revista Internacional Interdisciplinar, Florianópolis**, v.15, n.2, p.109-127, set.-dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2018v15n3p109/37433>. “Acesso em: 20 de maiode 2019”.

BRAGA, H.M.; COSTA, V. **Mulheres partidas**: poética e política fílmicas da mulher. In **Revista Bagoas, vol 2, n 3**, pp.97-114,2002. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n03art05_costa.pdf “Acesso em: 22 de nov. de 2019”.

BRASIL. **Lei nº 3071, de 1 de janeiro de 1916**. Institui o **Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, Presidência da República, 1916**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L3071impressao.htm “Acesso em: 20 de nov. de 2019”.

BREDER, F.C. **Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesas da Disney**. Monografia (Graduação em comunicação Social/

Jornalismo)

Brinquedos de menina. In: GOOGLE imagens. Imagens de brinquedo de menina.

Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=brinquedo+de+menina&oq=brinquedo+de+menina&aqs=chrome..69i57.4991j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> “Acesso em: 20 de ago. 2019”.

Brinquedo de meninos, in GOOGLE Imagens. Imagens de brinquedo de menino.

Disponível em:

https://www.google.com/search?sxsr=ACYBGNSS7zioZZFVXGObuZV4NcgRq19s6A%3A1574441186598&ei=4hDYXfOSJOHF5OUP6Key6AY&q=brinquedo+de+meninos&oq=brinquedo+de+meninos&gs_l=psy-ab.3...550965.554318..554453...2.1..0.256.2895.0j20j1.....0....1..gws-wiz.....10..0i71j35i362i39j35i39j0i131j0i67j0i131i67.w_3E9KZljeY&ved=0ahUKEwjzi5a9ov7IAhXhIrkGHeiTdG0Q4dUDCAs&uact=5 “Acesso em: 20 de ago. de 2019”.

CARVALHO, Ana Elisa Alves de. **Personagens femininas em animações dos Estúdios Disney**: transformações de perfis em mulheres complexas. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/103387>. “Acesso em: 20 de jun. de 2019”.

CINDERELA (Cinderella). Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson.

Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1950. 74 min, cor. Disponível

em: https://www.youtube.com/watch?v=olaqF_ISvQw “Acesso em: 22 de nov. de 2019”.

Enrolados (Tangled). Direção: Nathan Greno e Byron Howard. Produção: Roy Conli, John Lasseter e Glen Keane. Walt Disney Pictures, 2010. 100 min, cor. Disponível

em: <https://www.youtube.com/watch?v=gyaUcR4BmPo&list=PLaDGhu3VHJCvSkH2HiyIvnRZcxBDXiZP> “Acesso em: 22 de nov. de 2019”.

FERREIRA, Lucelena. **Mulheres na liderança**. Rio de Janeiro: Red Tapiocca, 2019.

FROZEN - Uma Aventura Congelante. Direção: Jennifer Lee E Chris Buck. Produção:

Peter Del Vecho e John Lasseter. Walt Disney Pictures, 2014. 1h 42min, cor. Mulan.

Direção: Tony Bancroft e Barry Cook. Produção: Pam Coats. Walt Disney Pictures, 1998.

87 min., cor. 127. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A9y_oVQtQis
“Acesso em: 22 de nov. de 2019”.

IMAGEM, A pequena Sereia Ursula e Ariel. Disponível em:
<https://archive.nerdist.com/tituss-burgess-channels-ursula-the-little-mermaid-disney-live-vox-festival/>“Acesso em: 15 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Branca de Neve e os Sete Anões Branca de Neve e a maçã. Disponível em:
<http://cinemaemcena.cartacapital.com.br/coluna/ler/483/branca-de-neve-e-os-sete-anoes>
“Acesso em: 13 de ago. de 2019”.

IMAGEM, fotografia do Mickey e Donald vestidos de mulher. Disponível em:
<https://portaldascrianças.com/tempos-livres/mickey-mouse-fotografia-mickey/> “Acesso em:
13 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Liga da Justiça Mulher Maravilha. Disponível em:
<http://formigaeletrica.com.br/?s=mulher+maravilha>“Acesso em: 15 de maio de 2019”.

IMAGEM, Judy guarda de trânsito. Disponível em:
<https://www.deviantart.com/search?q=zootopia> “Acesso em: 4 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Judy sendo demitida. Disponível em:
<https://www.deviantart.com/search?q=zootopia> “Acesso em: 4 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Judy academia de polícia. Disponível em: https://marinettetale-characters.fandom.com/wiki/Baby_Nick “Acesso em: 4 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Zootopia Judy ferida. Disponível em:
<https://www.deviantart.com/search?q=zootopia> “Acesso em: 4 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Judy conversa com os pais: Disponível em:
<https://nerdcomet.com/2019/08/03/zootopia-essa-cidade-e-o-bicho-critica/>“Acesso em: 2
de set. de 2019”.

IMAGEM, Pica-Pau Super Vendedor Pré-histórico Disponível em:
valeapenarelembrar.blogspot “Acesso em: 20 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Plane Crazy Disponível em: oficialhostgeek.com.br “Acesso em: 20 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Valente Mérida luta pela sua mão. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/636837203535203227/?lp=true> “Acesso em: 22 de nov. de 2019”.

IMAGEM, Zootopia Gideon ataca judy. Disponível em: <https://www.deviantart.com/search?q=zootopia> “Acesso em: 4 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Zootopia Judy academia de polícia. Disponível em: <https://www.deviantart.com/search?q=zootopia> “Acesso em: 4 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Zootopia Judy superando obstáculos. Disponível em: <https://www.deviantart.com/search?q=zootopia> “Acesso em: 4 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Zootopia Um lugar para todos. Disponível em: <https://www.deviantart.com/search?q=zootopia> “Acesso em: 4 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Zootopia Judy no banheiro. Disponível em: <https://www.deviantart.com/search?q=zootopia> “Acesso em: 4 de ago. de 2019”.

IMAGEM, Zootopia Judy academia de polícia. Disponível em: <https://www.deviantart.com/search?q=zootopia> “Acesso em: 4 de ago. de 2019”.

Judy e Nick love in GOOGLE Imagens. Judy e Nick casal. Disponível em: https://www.google.com/search?biw=1536&bih=754&tbm=isch&sxsrf=ACYBGNT7jYvBZSx5St3pfSmUXRal2o0tnA%3A1574445461068&sa=1&ei=ISHYXZ7cA8me5OUP5dq5gAo&q=judy+e+nick+love&oq=judy+e+nic&gs_l=img.1.0.35i39l2j0l3j0i8i30j0i30l3j0i5i30.993881.997107..998537...2.0..0.424.3968.2-3j4j4.....0....1..qws-wiz-img.....10..35i362i39j0i67j0i131.Q99-NeoSpfM “Acesso em: 22 de Nov. de 2019.”

Judy Zootopia sexy in GOOGLE Imagens. Judy sexualizada. Disponível em: https://www.google.com/search?biw=1536&bih=754&tbm=isch&sxsrf=ACYBGNREVLqch3-E_peE6Q3JUN254AFcrQ%3A1574446460609&sa=1&ei=fCXYXeXcJlqu0PEPsaWO-Ao&q=judy+zootopia+sexy&oq=judy+zootopia+sexy&gs_l=img.3...125083.131086..131361...3.0..0.443.5452.0j1j12j5j2.....0....1..qws-wiz-

<img.....10..35i362i39j35i39j0i67j0i30j0i8i30.CY8dTBuSXRA&ved=0ahUKEwjlioKQtv7IAhUKFzQIHbGSA68Q4dUDCAc&uact=5> “Acesso em: 22 de Nov. de 2019.”

Judy Masculina in GOOGLE Imagens. Judy Masculina. Disponível em: https://www.reddit.com/r/zootopia/comments/4xm4d7/genderbender_judy_hopps_by_roma0303/ “Acesso em: 22 de nov. de 2019”.

LIPOVETSKY, Gilles, **A terceira mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 16. ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes. 1998,

MOREIRA, Patrícia Verônica; PORTELA, Jean Cristtus Portela. **A figura feminina nos filmes da Disney: prática de representação identitária**. PERcursos Linguísticos, Vitória-ES, v. 8, n. 8, 2018. Disponível em: [http://www.periodicos.ufes.br/?journal=percursos&page=article&op=view&path\[\]=19215](http://www.periodicos.ufes.br/?journal=percursos&page=article&op=view&path[]=19215). “Acesso em: 15 de jul. de 2019”.

Mulheres Executivas, in GOOGLE Imagens. Mulheres no Mundo Empresarial. Disponível em: https://www.google.com/search?sxsrf=ACYBGNQaBKfU6isto9g1RkXTmcyAMj7MwQ%3A1574441742013&ei=DhPYXZl-IITQBpSxqcAD&q=mulheres+executivas&oq=mulheres+executivas&gs_l=psy-ab.3...163995.175405..175507...14.1..0.148.3712.0j29.....0....1..gws-wiz.....10..0i71j35i362i39j35i39j0i67j0i131j0i67j0i203.UZLupRtclX8&ved=0ahUKEwiS_YHGpP7IAhUUAAtQKHZRYCjgQ4dUDCAc&uact=5 “Acesso em: 20 de ago. de 2019”.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru-SP: EDUSC, 2005.

PICA-PAU SUPER VENDEDOR PRÉ-HISTÓRICO. Direção Dick Lundy. Walter Lantz. 1969. 6 min. cor Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HKKkZyaavdY> “Acesso em: 20 de ago. de 2019”.

PLANE CRAZY. Direção: Ub Iwerks. . Walt Disney. Walt Disney Productions. 1928. 6min. pb Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oUS8x4xZ3m4> “Acesso em: 13 de ago. de 2019”.

POCAHONTAS. Direção: Mike Gabriel e Eric Goldberg. Produção: James Pentecost. Walt Disney Pictures, 1995. 81 min. cor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=46a1g9zORD0> "Acesso em: 22 de Nov. de 2019".

VALENTE (Brave). Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Katherine Sarafian. Pixar Animation Studios, 2012. 93 min. cor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QmsGXQWzqp0&list=PLhakXRGZ4AixB5f4JPCQSDFuTMA_izS7m "Acesso em: 22 de Nov. de 2019".

ZOOTOPIA .Dirigido por Byron Howarde Rich Moore. Walt Disney Pictures. Walt Disney Productions. 2016, 110 min, cor. Disponível em Netflix. "Acesso em: 22 de nov. de 2019".